

EDITOR — JOSE MANUEL PEREIRA

PROPRIEDADE — HERD.º DE JOSÉ BARÃO

OFICINAS: EMP. LITO GRAFICA DO SUL, LDA. — VILA REAL DE SANTO ANTONIO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTONIO — TELEF. 254

LISBOA — TELEF. 361839

FARO — TELEF. 93156

AVULSO 2\$00

ALBUFEIRA MENINA BONITA

NÃO nos resta tempo, depois de cumpridas as nossas obrigações, para nos dedicarmos a leituras policiais ou de espionagem. Os dedos de uma só mão são demais para contarem os livros desse gênero os olhos, embora tal literatura esteja muito em voga. Não rebater as afirmações dos que lhe encontram segredos maravilhosos,

por Torquato da Luz

gênero por que já passámos rapidamente autoridade, portanto, para encantos excepcionais. Nem tão-pouco os podemos desmentir quando dizem que, com tais leituras, desenvolvem a sua capacidade de raciocínio. E talvez isto uma imperdoável falha na cultura geral de alguém que, como nós, pretende ser do tempo em que vive, compreender os problemas actuais do mundo em que nasceu.

Não diremos que a literatura policial é uma arte menor. Até porque partimos do princípio de que não há arte menor ou maior. Há simplesmente o que é arte e o que nunca poderá ser considerado como tal. O romance de espionagem é, porventura, um romance como qualquer outro, embora utilizando-se de certas particularidades que explora melhor ou pior conforme a capacidade imaginativa do autor.

Chegado aqui, o leitor pergunta a que propósito virá esta conversa toda que, à primeira vista, não terá nada que ver com o título do artigo. Mas tem, para surpresa sua. E essa surpresa vem nas linhas seguintes. É que acabamos de quebrar, excepcionalmente, o velho hábito de não ler obras de natureza policial. Vamos contar como foi.

DE COMO O TURISMO SERVE A LITERATURA

Neste Inverno de 1967-68, os correios franceses fazem chegar às nossas mãos um pequeno volume cujo título, só por si, não nos dirá nada. «Séances non comprises» se chama o livrinho, da autoria de P. H. Renson, que se inclui na Coleção Mercenário das «Editions Europa», sob a epígrafe «Espionnage — Aventures». Es-

(Conclui na 4.ª página)



Albufeira — aquarela de Alinde Avigdor

Com vista à valorização e divulgação do turismo nacional no estrangeiro

por Guilherme d'Oliveira Martins

ITALIA, berço de uma civilização e centro artístico dos mais notáveis do mundo, coloca-se entre os países de maior turismo da Europa, pois transformou-o numa das suas fontes mais importantes de atracção de divisas e num dos sectores da sua economia de maior relevo. Porém, embora disponha de recursos excepcionais, não deixa de promover uma intensa propaganda além-fronteiras. Assim e através dos seus organismos especializados de turismo, tem levado a efeito concursos, ao nível internacional, com o objectivo de atrair visitantes. Na preocupação de proporcionar bem-estar aos que ali se deslocam, o departamento de turismo promove inquéritos, no intuito de conhecer as preferências e reparos do turista.

exemplos a utilizar (este seria um deles), mas a realidade mostra-nos que, em matéria de turismo, se impõe seguirmos ou acompanharmos as iniciativas levadas a cabo por países de maior experiência e maturidade. Inquéritos deste tipo, constituem elemento informativo e orientador do maior interesse, pois permitem fazer a análise de uma actividade que mobiliza vultosos capitais.

A propósito dos investimentos feitos nos diversos empreendimentos turísticos do Algarve, saberemos se a orientação que está a seguir-se será a melhor?

(Conclui na 9.ª página)

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

PRESENÇA DE OLHÃO

EM Junho de 64 escreviamos, neste mesmo jornal, uma crónica a exortar os nossos conterrâneos para valorizarem a Vila Cubista quer respeitando o traçado das suas casas, quer reconstituindo os seus folguedos, quer organizando grupos cénicos ou simples ranchos que dançassem os autênticos bailes de roda e cantassem «desafios» em volta dos «mastros», nas cálidas noites de Junho.

Felizmente que já se impuseram, pela beleza e garridice, as festas de S. João — futuro cartaz para atrair nacionais e estrangeiros. No

LOTARIAS E TOTOBOLA CAMPIÃO SEMPRE PREMIOS GRANDES

JANELA DO MUNDO

pelo dr. MATIUS BOAVENTURA

Manifestações em Moscovo contra a política oficial

O JULGAMENTO recente dos quatro intelectuais russos pós, de novo, o problema da liberdade de expressão no mundo comunista. Revela ao Ocidente que o assunto não só não se encontra resolvido, como se trava uma luta surda entre uma minoria da população e os seus dirigentes. Tudo isso foi vislumbrado durante o julgamento de Moscovo, que decorreu à porta fechada, embora os representantes da imprensa ocidental obtivessem informações do que, dia a dia, se ia passando, através de algumas entidades que podiam assistir.

Maior interesse ainda este caso despertou por ter provocado públicos protestos de alguns intelectuais

(Conclui na 8.ª página)

EM CASA E NA ESCOLA...

REUNIÕES DE PAIS pelo dr.ª MARIA ODETTE L. DA FONSECA

EMBORA mais lentamente do que seria para desejar, vai aparecendo um ou outro pedagogo e director de estabelecimentos de ensino a organizar úteis e esclarecedores encontros de pais e professores. De inegável eficácia e oportunidade — neste século da criança em que os problemas educacionais são cada vez mais difíceis e estranhos — deveria generalizar-se tal hábito porquanto nos carecem as escolas de pais que há muito desejamos e precisamos.

Se nunca foi tão árdua a missão educativa, mal compensada e mal apreciada pelas maiorias, igualmente a criança, em período algum da

NOTA da redacção

VISITANDO as províncias ultramarinas da Guiné e de Cabo Verde, na terceira viagem à África durante o seu mandato como Presidente da República, o sr. almirante Thomaz leva consigo o sentir de milhões de portugueses que consideram o interesse e o significado dessa deslocação.

Seria injusto não o reconhecer, no momento em que, na Guiné, combatem milhares de soldados para que, nesse recanto do continente africano, continue a flutuar a bandeira das quinas. Eis, pois, que o Supremo Magistrado da Nação os visita para lhes levar palavras de saudação e carinho, de apoio e entusiasmo, de gratidão e de amor — ele o arauto de todos nós, nesta jornada patriótica.

Celebrems o acontecimento como prova da unidade indissolúvel das parcelas do território português, dispersas por vários continentes mas solidárias nos mesmos princípios e objectivos. Saudemos o sr. almirante Thomaz como o emissário do nosso profundo sentir junto dos nossos compatriotas das longínquas terras guineenses.

SAUDAÇÃO DE UMA PROVINCIA PARA OUTRA LONGINQUA

CHEQUE AO REI...

por Lima Norberto

NÃO pretendemos fazer apologia do jogo do xadrez, mas algo procuramos e bom era que entre os que nos têm alguns tirassem proveito.

Na nossa vida, todos temos momentos de análise retrospectiva. Todos relembramos o passado, com mais ou menos saudade. Muitas vezes nos «vemos» de bibe e calção, nos bancos da escola primária. Por vezes ainda lembro, com certo amargor, as «escolas pagas». Hoje compreendo que, com pai e mãe a trabalhar, elas são a solução ideal para muita gente de poucos recursos. Estas linhas pretendem focar só uma faceta do problema. Não desejamos entrar em considerações no campo pedagógico — algumas têm certa utilidade, outras são perniciosas. Isso porém é, de momento, secundário. Mas, vamos ao assunto.

Todos os dias tenho de fazer o trajeto casa-emprego e vice-versa. No caminho, uma das aludidas escolas. Uma escola com pavimento de tijolo, eternamente húmido. Terá três metros e meio no comprimento, uns três na largura. Para iluminar aquele «paraíso», uma porta com dois postigos, que, apesar de possuírem tamanho razoável, são insuficientes, porque a rua é bastante faltada de sol. Como corolário: uma semiobscuridade.

Volto a admitir que os filhos são problema de muita gente. Pai e mãe labutam duramente para angariar recursos para a família... Poderia continuar o pensamento. Deixo-o, porém, ao critério de cada leitor e pergunto apenas: Será humano submeter crianças a um martírio daqueles? A sua vida, no futuro, não se ressentirá do tempo que ali passaram?!
(Conclui na última página)

A FINAL É FÁCIL SER CRÍTICO!

por Maria Carlota

COM certeza parecerá que só um transtorno cerebral pode ditar a frase que encima este pequeno e escrevi-a tão conscientemente que até lhe ajuntei um intencional ponto de exclamação. Intencional, sim, porque exprime apenas ironia.

Todos, os que andamos nestas lides, sabemos que ser comentador é o grande espinho do jornalista, especialmente se quer ser honesto, imparcial, cortês e, sobretudo, caridoso. Quantas vezes não fazemos calar a caneta por amor, quantas vezes não a obrigamos a adornar uma confrangedora verdade, quantas vezes se diz apenas meia palavra quando a palavra toda seria ainda insuficiente para precisar! É uma luta ignorada a do comentador e em que ninguém vê laivo de fi-

(Conclui na 4.ª página)

comentário. Mas não. Estou lúcida e escrevi-a com intenção

BEATRIZ COSTA ESCOLHEU O ALGARVE

ALEGRIA da cena portuguesa, azougada intérprete de tantos êxitos do nosso teatro lígeiro, Beatriz Costa escolheu o Algarve para refazer-se de um transe doloroso



Beatriz Costa

da sua vida, permanecendo por algum tempo no ambiente calmo e acolhedor da Pousada de Sagres. No domingo, no Hotel Eva, em Faro, assistiu ao almoço regional oferecido pela Companhia de Pescarias do Algarve, evidenciou os primeiros do seu espírito, concedeu inúmeros autógrafos e manifestou a sua imensa admiração pela nossa Província, cujos múltiplos e maravilhosos aspectos se não cansou de enaltecer, confidenciando-nos, a certa altura: «Sabe? Adoro o Algarve. Por tudo o que é e porque a ele se prendem algumas das melhores recordações da minha vida».

A VIDA MARAVILHOSA DO ATUM

CONTESTAÇÃO À REFUTAÇÃO DA NOSSA INÉDITA TEORIA MIGRATÓRIA (Resposta a dois cientistas)

pelo capitão-de-mar-e-guerra da R. A. JOSÉ SALVADOR MENDES

O segundo ilustre cientista interpela-nos sobre dada expressão inserta na comunicação

O atum não comanda as normas ou preceitos da sua vida normal, visto que a Natureza não o fadou com a necessária e indispensável mentalidade para tanto; esse peixe é que é permanentemente comandado por essas normas ou preceitos, aliás impostos pela Natureza, como tudo, mas tudo, aliás parece de facto indicar, e como, aliás, de igual forma concebemos quando do estabelecimento dos nossos inéditos princípios migratórios, e como, mais tarde, viemos a saber que assim opinam alguns cientistas de vulto, como J. Thoulet, quando no seu livro, intitulado «La Pêche Scientifique Moderne», cita:

«...le poisson, pas plus d'ailleurs que la Nature entière, n'a de caprices; il obéit à des lois fatales...» («...o peixe, além disso não mais do que toda a Natureza, não tem

TORQUATO DA LUZ

Acaba de ser admitido ao serviço do nosso prezado colega «Diário de Lisboa», fazendo parte do respectivo corpo redactorial, o nosso colaborador Torquato da Luz, antigo chefe da Redacção do Jornal do Algarve.

caprichos; obedece a leis fatales...») Isto, parece vir corroborar o que, aliás, já havíamos antevisto, e que, afinal, se encerra implicitamente na nossa inédita teoria migratória.

Deste modo, ficámos conveniente e devidamente elucidados sobre que os peixes vivem no oceano sem vontade própria, unicamente submet-

(Conclui na 9.ª página)

A saúde é a maior riqueza

AFASTE-SE DE QUEM TOSSE

Quando o doente pulmonar tosse sem proteger a boca, forma-se, até à distância de um metro, uma nuvem invisível de partículas cheias de bacilos da doença que traz consigo. Tais micróbios, atingindo as pessoas que estejam próximas, podem contaminá-las.

Afaste-se dos que tosse, para não ser atingido pelas partículas infectantes (perdigotos) projectadas da sua boca.

CRÓNICA DE FARO



por RAFAEL CORREIA

UM DOMINGO DESTES...

LEVANTEI-ME às 7. Da manhã, pois! (Muito saudável). Liguei o rádio (que energia eléctrica não falta) e procurei uma estação local. Tocava uma orquestra típica. Cantarolando àquele ritmo, preparei o banho (que água também não falta). O gás é que sim, estava de resto mas rápida telefonadela (marcação directa) não falhou o número de destino, e cinco (ou seis, talvez) minutos a seguir, aí estava um mui simpático e silencioso funcionário, que num ápice.

Chegavam entretanto, e tão recatadamente, o leite fresco em abundância e o pão de trigo branco rescedente, para o pequeno almoço.

(Desculpem a imodéstia, mas lá em casa é assim!...)

Cantarolava ainda a barbear-me electricamente, — que energia lá em casa... (ah, já disse!)... E fui para a mesa lendo os matutinos (desse dia) e a correspondência chegadinha, como todas as manhãs, no correio das 6 e pouco.

As 9 horas, pé na rua, que o autocarro da zona não espera por atrasados.

Linda manhã de sol, para passar no parque e ver as crianças rebolando-se na relva fresca, soltando gritinhos cristalinos de alegria que agumentam pássaros das ramagens.

Linda manhã de sol para ficar na esplanada frente à praia, olhando as velas brancas competindo ria a fora.

Linda manhã... de sol! Horas de voltar a casa. A realidade de um naco tenro e suculento de vitela para o almoço. Muito em conta.

A tarde foi ao teatro. Do sério! Qual revista?! — Uma peça de grande êxito. Não têm visto aquela longa e ordenada «bicha» às bilheterias do Teatro-Novo? Sempre chelo. A saída não se falava de outra coisa. Até os que não assistiram, por não ter bilhete, pediam ansiosamente o resultado e pormenores da interpretação.

Jantel cedo. Pescadinha fresca, em sacos de 1/2 quilo. E vi televisão ao mesmo tempo. Engoli, assim, duas espinhas. (Não se deve ver televisão nestas circunstâncias, conclui). Mas o programa agradava. Era um desses folclóricos... do Porto.

A noite, pensei, pensei... fui ao cinema. Filme de tese. Tão de tese, tão de tese, que vibraram aplausos lá detrás da galeria.

Meia-noite: Quebrou-se todo o encanto do domingo que morria.

A. Leite de Noronha
MÉDICO
Consultas diárias a partir das 16 horas
Rua da Trindade, 12-1.º, Esq. FARO
TELEF. Consultório 22315 Residência 24642

Comemora-se amanhã em Olhão o 43.º aniversário do Grupo n.º 6 dos Escoteiros de Portugal

No salão de festas da Sociedade Recreativa Olanense, realiza-se amanhã, às 18 horas, uma sessão comemorativa do 43.º aniversário do Grupo n.º 6 da Associação dos Escoteiros de Portugal. Durante a mesma prestarão compromisso de honra os aspirantes da patrulha constituída na Fusetta, e que fica sendo mais uma unidade daquela válido movimento educativo.

Preside ao acto o sr. Ferro Galvão, dedicado presidente do Município olhanense.

Pesca da sardinha

Pretende-se transaccionar, em regime de troca, a traineira «Beira Nova», com as características seguintes:

Ano de construção, 1962
Comprimento, 21,22 m.
Motor, Cummins 230 HP.
Resposta a Mamedes, Lda. — PENICHE.

AFOGADO QUANDO APANHAVA ALGAS

Quando se dedicava à recolha de algas, no sítio da Zimbreira, caiu ao mar Rogério Dias Soromenho, de 17 anos, filho do sr. José Soromenho, natural e residente em Vila do Bispo. Já cadáver, foi recolhido horas depois por um barco de pesca de Sagres, que o transportou para aquela povoação.

ECOS

Dr. Francisco Dias Rosa Júnior

O nosso comprouviano sr. dr. Francisco Dias Rosa Júnior, que vinha exercendo as funções de subdirector e chefe do Serviço do Pessoal do Banco Português do Atlântico, acaba de ser nomeado director daquele Banco.

Partidas e chegadas

A fim de assistir ao almoço oferecido pela Companhia de Pescarias do Algarve esteve em Faro o sr. dr. Francisco Dias Rosa Júnior, director do Banco Português do Atlântico.

— Depois de passar uma temporada em Paris em casa da sua filha, regressou a Faro o sr. dr. António a sr.ª D. Carminda Ribeiro, esposa do nosso assinante sr. Leonel Fernandes Ribeiro.

— Transferiu a sua residência de Pisões (Braga) para Entre Devesas — Vieira do Minho, o nosso assinante sr. António Clemente.

Casamento

Na igreja paroquial de S. Brás de Alportel, realizou-se o casamento, por procuração, da sr.ª D. Rosa Maria de Brito de Sousa Lourenço, filha do sr.ª D. Maria das Dores de Brito e do sr. Manuel António de Sousa, residentes no sítio de Machos (S. Brás), com o sr. José Martins Lourenço, em missão de soberania no Ultramar, filho do sr.ª D. Custódia Martins e do sr. João Lourenço, residentes no sítio de Murta (Estol). Testemunharam o acto, por parte da noiva, sua tia, sr.ª D. Rosa Maria Coelho, e o sr.ª D. Maria Balbina Pinto e pelo noivo, os srs. José Dias Mendonça e José Viegas Mendonça.

Doentes

No Hospital de Faro, foi submetido a uma intervenção cirúrgica o sr. Gavino Félix da Costa, nosso assinante em Vila Real de Santo António.

— A fim de consultar a medicina, deslocou-se a Lisboa, o nosso assinante em Vila Real de Santo António sr. António Pessanha Segura.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Alves de Sousa; e até sexta-feira, a Farmácia Piedade.

Em FARO, hoje, a Farmácia Paula; amanhã, Almeida; segunda-feira, Montepio; terça-feira, Higieniz; quarta-feira, Graça Mira; quinta-feira, Pereira Gago e sexta-feira, Pontes Sequeira.

Em LAGOS, a Farmácia Neves.

Em LOULÉ, hoje, a Farmácia Avenida; amanhã, Madeira; segunda-feira, Conflança; terça-feira, Pinheiro; quarta-feira, Pinto; quinta-feira, Avenida e sexta-feira, Madeira.

Em OLHÃO, hoje, a Farmácia Ferro; amanhã, Rocha; segunda-feira, Pacheco; terça-feira, Progresso; quarta-feira, Oihanense; quinta-feira, Ferro e sexta-feira, Rocha.

Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Dias; amanhã, Central; segunda-feira, Oliveira Furtado; terça-feira, Moderna; quarta-feira, Carvalho; quinta-feira, Rosa Nunes e sexta-feira, Dias.

Em S. BRÁS DE ALPORTEL, hoje, a Farmácia Montepio; amanhã, Dias Neves; segunda-feira, Pereira; terça-feira, Montepio; quarta-feira, Dias Neves; quinta-feira, Pereira e sexta-feira, Montepio.

Em SILVES, hoje, a Farmácia João do Deus; e até sexta-feira, a Farmácia Ventura.

Em TAVIRA, a Farmácia Abolim. Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, a Farmácia Silva.

CINEMAS

Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «Quando o mundo nasceu»; amanhã, «Rita no colégio»; terça-feira, «O homem da Interpol» e «A cidade contra mim»; quinta-feira, «7 pistolas para os Mac Gregors».

Em ALVOR, no Cine-Alvor, hoje, «Dezo vovozes» e «Os dois carabinieri»; amanhã, «Operação V-2».

Em ESTOIL, no Cinema Ossónoba, amanhã, «Cantinfilas na ribalta».

Na FUSSETA, no Cinema Topázio, amanhã, «Os canhões do galeão negro» e «O valente de Marselha»; quinta-feira, «As descobertas do sr. professor» e «Vingança e glória».

Em FARO, no Cinema Santo António, hoje, «Os três centuriões» e «Sandokan, contra o leopardo de Sarawak»; amanhã, «Diga-me quem deve matar»; terça-feira, a revista, «Duas pernas... um milhão»; quarta-feira, «O processo Quiller»; quinta-feira, «Hotel da malandrinha»; e «Intriga em Veneza»; sexta-feira, Cine-Clube, só para sócios.

Em LAGOS, no Teatro Cinema Império, hoje, «Um lugar chamado Pólvora» e «O noivo da mamã»; amanhã, «A fera amansada»; terça-feira, «O trovador do Far-West»; quarta-feira, a revista, «Duas pernas... um milhão»; quinta-feira, «O simpático vigarista».

Em OLHÃO, no Cinema-Teatro, hoje, «O homem da Interpol» e «A história de três amores»; amanhã, em matiné e soirée, «A maldição do rubi negro» e «O tesouro do lago da prata»; terça-feira, «Muros negros» e «O sangue de Drácula»; quarta-feira, «O menino e o muro» e «Minha alma por um amor»; quinta-feira, «Fogo à vontade» e «O vampiro de Dusseldorf».

Em PORTIMÃO, no Cine-Teatro, hoje, «Cantinfilas deputado» e «Pistolas de ouro»; amanhã, em matiné e soirée, «Viva Maria!»; terça-feira, «Luz que cega»; quarta-feira, «Um perigo chamado Capricho»; quinta e sexta-feira, a revista «Duas pernas... um milhão».

Em S. BRÁS DE ALPORTEL, no São Brás Cine-Teatro, amanhã, «Os juizes da Bíblia» e «Guilherme Tell»; quinta-feira, «Agente secreto» e «Os galãs do bairro».

Em SILVES, no Cine-Teatro Silvense, hoje, «30 Winchester»; amanhã, em matiné e soirée, «O aventureiro de Tahiti»; terça-feira, «A maldição do rubi negro»; quinta-feira, «Agulhas do Pacífico».

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, no Cine-Foz, amanhã em matiné e soirée, «Um favor muito especial»; terça-feira, «2 filhos de Ringu»; quinta-feira, «Hércules contra Sansão».

AGENDA

NECROLOGIA

D. Fernanda Le Cocq Abecasis

Faleceu em Vila Real de Santo António a sr.ª D. Fernanda Le Cocq Abecasis, de 85 anos, viúva do dr. João Mateus Abecasis, que foi médico e benemérito naquela vila, tendo sido dado o seu nome ao dispensário local da Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Era mãe das sr.ªs D. Maria do Carmo Le Cocq Abecasis Correa, casada com o sr. Manuel Cumbreira Correa, industrial em Vila Real de Santo António; D. Maria Carlota Le Cocq Abecasis Dias, casada com o sr. capitão Joaquim Polcarpo Mendes Dias; D. Fernanda Le Cocq Abecasis Palma, casada com o sr. tenente-coronel Manuel Emiliano Palma e do sr. eng. João Le Cocq Abecasis, funcionário superior da Direcção-Geral dos Serviços Industriais, casado com a sr.ª D. Maria de Lourdes Ramos e Costa Abecasis.

D. Bárbara Maria Fernandes Gonçalves

Faleceu no Azinhal, de onde era natural, a sr.ª D. Bárbara Maria Fernandes Gonçalves, de 78 anos, viúva de Manuel Gonçalves Palma Júnior. Era mãe das sr.ªs D. Bárbara Maria Gonçalves Taborada e D. Maria Bárbara Fernandes Palma, e sogra do sr. António Augusto Taborada, aspirante da Delegação Aduaneira de Vila Real de Santo António.

TAMBÉM FALTEBRAM

EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — o sr. Manuel Joaquim Isabel, de 83 anos, natural de Conceição de Tavira, casado com a sr.ª D. Maria Isabel.

— o sr. José Cabrita, de 69 anos, natural de Alte (Loulé), viúvo de D. Francisca da Conceição Cabrita.

EM TAVIRA — a sr.ª D. Maria da Conceição Vaz Madeira, de 81 anos, natural da Conceição de Tavira, casada com o sr. João Fernandes Madeira, comerciante naquela cidade e avô do sr. João Hermenegildo Lopes Madeira.

EM LAGOS — a sr.ª D. Alice Palma Ribeiro, de 86 anos, irmã do sr.ª D. Clotilde Ribeiro Horta.

EM LISBOA — a sr.ª D. Maria Eduarda da Conceição, de 40 anos, natural de Tavira, casada com o sr. Vital de Jesus Cavaco e mãe da menina Maria Henriques da Conceição Cavaco.

— o sr. Eduardo Sancho Correia, de 68 anos, casado, natural de Santiago (Tavira).

— o sr. João Gonçalves Rufino, de 96 anos, natural de Castro Marim.

— a sr.ª D. Maria Rosa das Neves Simão, de 85 anos, casada, natural de Silves.

— o sr. coronel farmacêutico Torcato Eduardo Martins, de 87 anos, viúvo, natural de Albufeira.

— o sr. José Moreira, de 70 anos, industrial, natural de Alvor (Portimão), casado com a sr.ª D. Alice da Silva Moreira.

— o sr. José dos Santos Milharó, de 67 anos, natural de Faro, proprietário,

BELLATRIX ESPECIAL

ALIMENTAÇÃO TRANSISTORIZADA

De 24 a 31 de Janeiro

QUARTEIRA

Artes diversas 169.086\$00

MOTORES INTERNACIONAL

Mês de Janeiro

PRAIA DA SALEMA

Artes diversas 270.514\$00

BOMBAS DE PEIXE MARCO

Artes diversas 270.514\$00

Problemas de estrutura da indústria de conservas de peixe em França

A produção da indústria de conservas de peixe de França atingiu, em 1966, 90.000 toneladas esperando-se para 1970 um resultado de 100.000 toneladas. Calcula-se que o consumo em 1970 aumente 26% (1962=100), ou seja, mais rapidamente que a produção. O movimento geral de mercadorias atingiu no ano passado 350 milhões de francos, dos quais grande parte recaiu sobre sardinhas em conserva.

A produção cobre apenas 60% da procura do mercado, o que é surpreendente em vista da capacidade industrial que não é utilizada. Esta discrepância relaciona-se em parte com o facto do consumo se ter especializado, em virtude do apuro de gosto, o que leva o público a exigir um tipo de conservas que a indústria não fabrica, nem tenciona introduzir no programa de fabrico.

A produção limita-se quase exclusivamente aos produtos de conservas tradicionais, sendo raramente postos no mercado produtos novos, o que provoca um enfraquecimento da sua posição junto do consumidor. Por outro lado, as exportações são diminutas e somam somente 4% da produção, sendo exportados unicamente produtos caros e de qualidade.

A exportação de mercadoria comum, que outrora se destinava em grandes quantidades à Argélia, deixou praticamente de existir. Além disso, as antigas colónias estão a fundar sistematicamente indústrias de conservas de peixe.

Nos últimos anos procedeu-se a uma mudança de estrutura que, embora dentro de limites confinados, conseguiu que a produção média aumentasse de 200 para 500 toneladas. Para os próximos anos planeia-se uma modernização das instalações e a criação de novas fábricas na costa mediterrânea.

O facto da produção se estender às regiões do Mediterrâneo, deve-se à diminuição da pesca de sardinha no Atlântico, que atingiu, até 1955, quase sempre 20.000 toneladas, mas que nos últimos 11 anos ficou muito aquém desta média, de modo que esta indústria se viu forçada ao abastecimento pelo Mediterrâneo.

Há a considerar a existência de uma concorrência, que se pode calcular com custos de produção e encargos sociais muito baixos, sendo os lucros correspondentemente reduzidos, o que de certo modo retarda a modernização das instalações. A importância que este ramo da economia tinha na Europa Ocidental, antes da última guerra, decresceu de modo notório; segundo uma estatística da F. A. O., a percentagem da C. E. E. nos resultados mundiais da pesca atinge apenas 3,5%. Esta desproporção ilustra, claramente, as dificuldades de abastecimento que existem para os países do Mercado Comum, considerando por um lado o crescente consumo de conservas de peixe, por outro a necessidade de cobrir este consumo através da importação.

A directriz económica francesa esforça-se por manter a capacidade de concorrência dentro do C. E. E.; um programa que é mister realizar através das reformas de estrutura previstas. Finalmente, tenta-se uma melhor cooperação para, lentamente, se eliminarem as diferenças ainda existentes que, na verdade, são relativamente pequenas.

LOTAS OLHÃO

De 20 a 25 de Janeiro

OLHÃO

Artes diversas 20.680\$00

Pérola do Arade 7.400\$00

Total 28.080\$00

ALADORES PURETIC

A NOVA SONDA BELLATRIX É A ÚNICA EQUIPADA COM DISCRIMINAÇÃO VARIÁVEL E FILTRO DE RUÍDOS

DE TUDO PARA TODOS

A QUADRA DE HOJE

O sorriso é sol do lar
— Feliz quem no mundo alcança
Acordar à luz de um riso
De mulher ou de criança.

A. Correia de Oliveira

INSIGNIAS DO CASAMENTO

Nos tempos primitivos, o homem enrolava um ou vários arcos de metal no braço da mulher, para significar que ela era sua escrava. Mais tarde, à proporção que se civilizava, perdeu a preocupação do domínio, trocando as algemas por pulseiras, que foram substituídas no tempo dos egípcios, por um simples anel. Com o carácter de símbolo do casamento, o anel foi adoptado pelos judeus, e eram os sacerdotes que o colocavam no dedo da noiva. Os romanos juntaram a esse anel um molho de chaves que o noivo entregava à noiva para mostrar que lhe cabia o governo da casa. O hábito de se colocar o anel nupcial na mão esquerda vem do facto de se considerar a mesma subordinada, enquanto a direita é a do comando.

COMO ELES PENSAVAM

Quando o homem não acredita em coisa alguma, está pronto para tudo praticar.

VICTOR HUGO

Só merecem um monumento aqueles que não necessitam dele.

HAZLITTE

Não ser ávido de riquezas é uma riqueza. Não ser perdulário é uma renda.

CICERO

O DOCE NUNCA AMARGOU

«Saqinhos» de figos e nozes — Toma-se uma boa porção de nozes

que se partem, se pelam e passam pela máquina de ralar.

Toma-se porção correspondente de figos secos, grandes, abrem-se de través, sem desprender totalmente a parte de cima, da de baixo.

Recheiam-se com as nozes raladas e tornam a unir-se muito bem, puxando com jeito a parte de cima que tem o pézinho para lhe dar o aspecto de sacco e neste pézito se embrulha uma tirinha de estanho de cor, como o que envolve os bombons, para fazer as fitinhas que amarram.

Polvilham-se levemente com açúcar refinado e espalham-se sobre a mesa em pratinhos. São bons e muito ornamentais.

TAMBÉM NA COZINHA SE PODE SER ARTISTA

Salmonetes à moda de Nice — Quatro salmonetes, dois dentes de alho, salsa e estragão, duas colheres para sopa de azeite de oliveira, 750 gramas de tomates, limpos de sementes, um copo de vinho branco, sal, pimenta.

Operações: — Lavar e raspar bem o peixe, sem lhe tirar as vísceras; passá-lo por farinha e dispor no prato ligeiramente untado de azeite. Preparar um molho de tomates, segundo a receita e condimentado com alho. Meter no forno o prato.

E AGORA NÃO RIA

Um desportista foi examinado pelo médico. No final, este preveniu-o:

— Você precisa de ter muito cuidado, a sua tensão arterial está a 22, que é altíssima para a sua idade!...

— 22? perguntou o desportista entusiasmado e qual é o recorde nacional, doutor?

Clínica e Cirurgia
dos Rins e Vias Urinárias
Dr. Diamantino D. Baltazar
Médico Especialista
Consultas diárias a partir das 15 (excepto aos sábados)
Consultório: Rua Sorpa Pinto 23-1.º — Faro
Telef. Consultório 22013 Residência 24761

BANCO BORGES & IRMÃO



RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

SENHORES ACCIONISTAS:

À semelhança dos anos anteriores, julgou a vossa Administração oportuno fazer preceder as contas respeitantes ao exercício de 1967 e as considerações directamente relacionadas com as mesmas, constantes do presente relatório, de uma exposição, ainda que sucinta, das circunstâncias tidas por mais relevantes que se apresentaram no complexo de factos dominantes na vida internacional e na vida portuguesa durante o período correspondente às contas referidas.

Não se desanuviou, durante o ano de 1967, a tensão que há tantos anos afasta as nações de um equilíbrio político, à escala mundial. E à margem dos dois blocos de divisão já de algum modo tradicional, têm-se avolumado as incógnitas relativamente ao chamado «terceiro Mundo», cujas tendências, pela extrema dispersão, se torna impossível enquadrar em sistemas.

As populações acabaram por habituar-se a um ambiente de constante incerteza, como era inevitável. Mas essa habitação reflecte-se em quebra de ideais, na despreocação pelo futuro, numa ansiosa procura de satisfações imediatas e, em consequência, no plano económico, em quebra de rendimento de trabalho e em aumentos de consumos frequentemente desproporcionados em relação aos acréscimos dos produtos nacionais.

A experiência tem demonstrado que, mesmo nos países altamente industrializados, não é indiferente que os aumentos de rendimento determinem predominantemente crescimentos de consumo ou de investimentos. E nos países menos industrializados, como é evidente, os acréscimos de consumo vão geralmente traduzir-se em maior dependência dos mercados estrangeiros, não para aquisição de bens de equipamento mas para aquisição de bens consumíveis.

Só num plano de pura abstracção — aliás de inequívoco interesse científico — será indiferente consumir ou poupar, do ponto de vista do desenvolvimento económico. No plano real da vida das nações, depois de garantida a satisfação das necessidades julgadas essenciais, o progresso depende necessariamente de sacrifícios de consumos, de aforros, que vão reflectir-se em investimentos. Ou por imposição colectiva ou por estímulos individuais, as nações têm de poupar para assegurarem o seu desenvolvimento económico. E o respeito da liberdade exige que se afaste a hipótese de imposição colectiva e, consequentemente, que se desenvolvam

os estímulos susceptíveis de orientar os indivíduos no sentido da realização de aforros. Entre esses estímulos destaca-se a estabilidade política, social e económica, sem a qual se torna difícil conseguir que os indivíduos renunciem espontaneamente a consumos que lhes dão satisfações imediatas na esperança de uma remuneração futura que a quebra de estabilidade torna altamente aleatória. Só a expectativa de remunerações futuras extremamente elevadas poderá contrariar os efeitos desfavoráveis da instabilidade sobre os aforros e investimentos.

Parece que este problema dos estímulos bastantes para a constituição de aforros deverá despertar, em futuro muito próximo, a atenção dos países que continuam a não querer confiar os investimentos a meios coactivos, próprios de economias socialistas.

Mais uma vez se desenhou no horizonte económico mundial a perspectiva de uma grande depressão económica, não tendo faltado até previsões sobre uma crise tão grave como aquela que teve origem no crack da bolsa de Nova Iorque, em Outubro de 1929. Perspectivas semelhantes se têm apresentado, com alguma regularidade, desde 1945; logo após a segunda grande guerra; todavia, não apenas pelos meios de que dispõem na actualidade os Estados mas também pelos que estão ao alcance dos grupos económicos de grande projecção (grandes empresas, sindicatos, etc.) tem sido possível remover as ameaças depressivas, utilizando-se, nomeadamente, com êxito marcado, campanhas psicológicas que actuam sobre o espírito dos consumidores e dos produtores em sentido favorável a novos surtos expansionistas. Esses êxitos, porém, não devem excluir a maior atenção relativamente aos movimentos económicos de escala mundial que se desenharam no decurso de 1967 e que, segundo é de crer, se prolongarão pelo ano de 1968.

Os Estados Unidos, a Alemanha, a França, a Inglaterra, muitos outros países industriais, revelaram fortes retraimentos dos níveis de produção e de emprego. A fragilidade dos sistemas monetários foi posta em destaque pela desvalorização da libra, e pelas dúvidas que têm envolvido a continuidade do nível de cotações do dólar. O problema do regresso ao padrão-ouro, inseparável da salvaguarda dos verdadeiros direitos, segundo a tese neoliberal, encontrou oportunidade para ser novamente formulado, embora possa considerar-se pouco provável que o clima político torne possível aquele regresso. Entretanto, os grandiosos planos de integração plurinacional, de constituição de grandes espaços económicos,

tendem a ser reduzidos a mais minguadas proporções. As comunidades não podem constituir-se esquematicamente, mas sim, e apenas, na base de interesses comuns sentidos profundamente pelos membros daquelas comunidades.

Também no decurso de 1967 se notaram algumas tendências para o regresso a políticas proteccionistas, que parece encontrarem nos Estados Unidos ambiente favorável. A acentuarem-se essas tendências, a liberalização do comércio internacional, largamente preconizada nos últimos anos, corresponderia novamente a uma onda cíclica na evolução das tendências da política económica. Mas se é certo que os países de elevado nível industrial se podem permitir mudar de rumos em tal matéria, o mesmo não se verifica relativamente aos países que querem industrializar-se, pois para essa uma mudança de rumo significa perda irreparável de esforços e sacrifícios.

Algumas reacções por parte do sector agrícola de alguns países se assinalaram em 1967, pondo em relevo a necessidade premente de revisão dos preços dos produtos agrícolas, que não têm acompanhado o nível geral dos preços, num período em que se tem agravado acentuadamente o custo de produção na agricultura.

O nosso país manteve a linha de continuidade da sua política, com os sacrifícios resultantes da escassez de recursos e das responsabilidades de nação com obrigações e interesses repartidos por diversos continentes. É compreensível que esses mesmos sacrifícios, reflectindo-se em despesas públicas de carácter excepcional e em privação de mão-de-obra, tenham fundas implicações na vida económica nacional, de resto afectada necessariamente também pelos movimentos externos já referidos.

A manterem-se as tendências esboçadas em 1967 na economia mundial, é de admitir que o problema da emigração portuguesa tenha de ser revisto, por falta de absorção da mão-de-obra portuguesa nos países para onde se têm orientado ultimamente os nossos emigrantes. Também essas mesmas tendências poderão influir no ritmo de escoamento das nossas produções.

O condicionalismo da economia portuguesa tornou possível sustentar o valor do escudo, que não acompanhou a desvalorização da libra e de outras moedas. Assim se conseguiu não agravar a posição devedora em relação à zona do dólar, embora com algum sacrifício previsível de exportações.

Na continuidade de uma política de planeamento baseada no respeito da iniciativa privada, política já iniciada em 1935, com a Lei de Reconstituição Económica, foi aprovado pela Assembleia Nacional, no ano transacto, o III Plano de Fomento, para o período de 1968-73, o qual prevê se realizem nesse período investimentos do montante de 167 530 000 contos, correspondendo à Metrópole 123 050 000 e ao Ultramar 44 480 000. Deste III Plano de Fomento, há a esperar, não obstante os factores adversos, valiosa contribuição para o desenvolvimento económico do espaço português.

Para além das dificuldades que a agricultura atravessa em Portugal como noutros países, e se espera sejam consideradas com urgência e decisão pelas entidades responsáveis, tanto no sector público como no sector privado, para além de problemas de gravidade que atingem alguns sectores determinados, oferece particular relevo a situação das nossas indústrias em geral perante a evolução recente dos condicionalismos. Ameaçadas muitas delas por uma concorrência excessiva, interna e externa, talvez possa pôr-se em dúvida, relativamente a algumas das nossas indústrias, que ofereçam condições satisfatórias de sobrevivência se não lhes for concedida protecção e estímulos, nomeadamente de ordem fiscal. E tais receios abrangem mesmo empresas experimentadas, com largos serviços prestados à economia nacional.

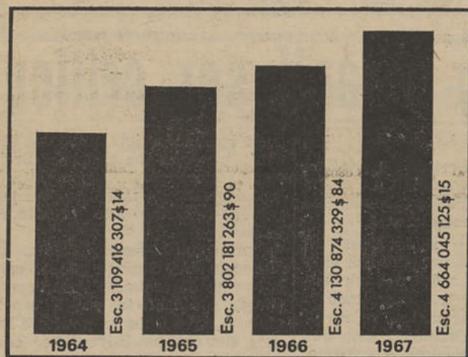
Não será de mais insistir no papel importante e insubstituível da Banca comercial no apoio a estas actividades económicas, particularmente em períodos complexos como os que se têm atravessado nos últimos tempos. Estamos certos que esse papel não deixará de ser reconhecido pela Nação.

Durante o ano de 1967 foram inauguradas as novas agências do vosso Banco em Coimbra, Covilhã e Miranda.

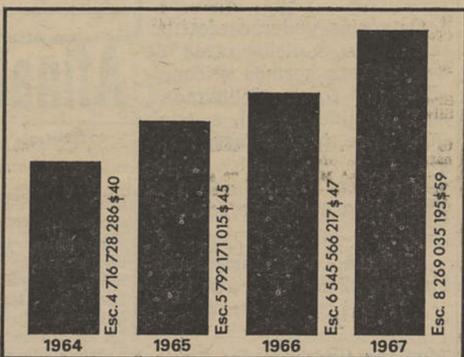
E, aguardando-se a construção do edifício-sede, a erigir no Porto, estão em curso, como é do conhecimento de V. Exas., obras de completa remodelação das instalações do Banco nesta mesma cidade.

A expansão do vosso Banco, em número de clientes como em número e volume de operações, põe claramente em relevo a necessidade de alargamento de instalações. Com efeito, apesar de todos os factores menos favoráveis do condicionalismo, foi possível a esta Administração, que para tanto se limitou a procurar cumprir, obter no ano de 1967 resultados cujo significado os números seguintes põem em destaque:

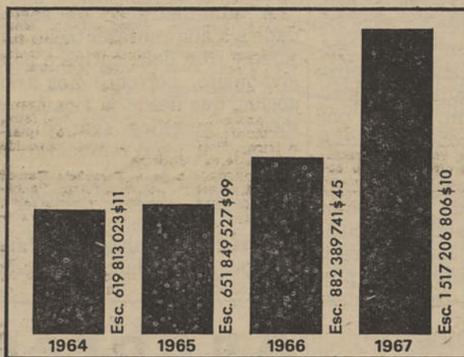
CARTEIRA COMERCIAL



DEPÓSITOS



CAIXA E DEPÓSITO NO BANCO DE PORTUGAL



E tais resultados obtiveram-se — cumpre salientá-lo — na escrupulosa observância das mais exigentes regras de leal concorrência, numa irremovível posição de ortodoxia bancária.

Os lucros líquidos totalizam Esc. 49 356 474\$83.

Para esta importância o Conselho de Administração propõe a distribuição seguinte:

Fundo de Reserva Legal	Esc. 34 000 000\$00
Cumprimento do n.º 2 do art.º 30.º dos Estatutos	Esc. 3 337 666\$65
Dividendo (ativo de imposto)	Esc. 9 000 000\$00
Acções antigas	Esc. 2 000 000\$00
Acções novas	Esc. 1 018 808\$18

É dever do Conselho de Administração, que tem muita satisfação em cumprir-lo, manifestar ao Excmo. Conselho Fiscal os protestos do seu muito elevado apreço pela forma, criteriosamente e dedicada, por que tem acompanhado as actividades do Banco. Também é grato ao Conselho de Administração exprimir ao Pessoal o seu muito reconhecimento e a sua muita estima pelo zelo, dedicação e competência que tem demonstrado através da sua muito valiosa colaboração.

Porto, 9 de Janeiro de 1968.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
 Júlio Anahory do Quental Calheiros (Conde da Covilhã)
 José da Silva Braga
 Miguel Gentil Quina
 Carlos Alberto Guimarães Lello
 Miguel Rezende

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1967

ACTIVO		PASSIVO	
DISPONÍVEL E REALIZÁVEL		EXIGÍVEL	
Caixa e Depósitos no Banco de Portugal	1 517 206 806\$10	Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	3 813 547 457\$94
Depósitos noutras Instituições de Crédito	231 493 985\$69	Depósitos à Ordem — Moeda Estrangeira	590 103\$75
Promissórias de Fomento Nacional	84 000 000\$00	Depósitos com Pré-Aviso — Moeda Nacional	965 269 387\$53
		Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	3 489 628 246\$37
Correspondentes no Estrangeiro	360 277 826\$69	Cheques e Ordens a Pagar	150 253 663\$50
Ouro, Moedas e Notas Diversas	11 644 483\$20	Exigibilidades Diversas	3 176 732\$23
Carteira de Títulos e Cupões	193 319 569\$02	Correspondentes no País	1 258 999\$84
Carteira Comercial	4 664 045 125\$15	Correspondentes no Estrangeiro	3 298 181\$94
Letras sobre o Estrangeiro	2 038 024\$70	Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	5 170 123\$34
Correspondentes no País	586 807 547\$71	Devedores e Credores	122 704 221\$58
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	683 576 078\$09		285 861 922\$43
Devedores e Credores	304 701 621\$70		8 554 897 118\$02
Empréstimos a mais de um ano	376 212 581\$30	NAO EXIGÍVEL	
Outros valores Realizáveis	5 626 907\$10	Contas Diversas e Provisões	3 264 844 732\$83
	7 188 249 764\$66		
	9 020 950 556\$45	CAPITAL E RESERVAS	
IMOBILIZADO		Capital	250 000 000\$00
Participações Financeiras	149 902 820\$00	Fundo de Reserva Legal	70 000 000\$00
Imóveis	102 528 885\$45	Outros Fundos de Reserva	130 000 000\$00
Amortização (a deduzir)	11 096 382\$94		450 000 000\$00
Imobilizações Diversas	43 056 032\$30		
	284 391 354\$81	RESULTADOS	
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO		Lucros e Perdas	
Contas Diversas	3 013 756 414\$42	Saldo do exercício anterior	1 675 522\$57
	12 319 098 325\$68	Resultados do exercício	47 680 952\$26
			49 356 474\$83
CONTAS DE ORDEM			12 319 098 325\$68
Valores de Conta Alheia	3 999 650 535\$04	CONTAS DE ORDEM	
Valores Recebidos em Caução	1 796 247 531\$94	Credores por Valores de Conta Alheia	3 999 650 535\$04
Devedores por Garantias e Avals Prestados	1 666 437 661\$06	Credores por Valores Recebidos em Caução	1 796 247 531\$94
Devedores por Aceites	443 280 513\$70	Garantias e Avals Prestados	1 666 437 661\$06
Devedores por Créditos Abertos	531 301 583\$71	Aceites	443 280 513\$70
	8 436 917 825\$45	Créditos Abertos	531 301 583\$71
	428 090 071\$10	Outras Contas de Ordem	
	8 865 007 896\$55		8 436 917 825\$45
	21 184 106 222\$23		428 090 071\$10
			8 865 007 896\$55
			21 184 106 222\$23

O Chefe da Contabilidade
 Arnaldo Albuquerque Pinto de Castilho

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CONTA DE LUCROS E PERDAS DO EXERCÍCIO DE 1967

DÉBITO		CRÉDITO	
Juros e comissões a nosso cargo	144 280 668\$34	Saldo do exercício anterior	1 675 522\$57
Contribuições e impostos	18 026 594\$40	Juros e comissões a nosso favor	296 542 634\$06
Despesas com o pessoal	83 920 107\$79	Resultados em operações cambiais e sobre títulos	17 864 290\$35
Despesas gerais	19 954 353\$05	Rendimento de títulos de crédito	9 405 461\$32
Encargos diversos	1 784 004\$44	Outros rendimentos, receitas e lucros	7 059 383\$94
Provisões e amortizações	15 225 089\$39		330 871 769\$67
Saldo	283 190 817\$41		
	49 356 474\$83		
	332 547 292\$24		

O Chefe da Contabilidade
 Arnaldo Albuquerque Pinto de Castilho

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

Este Conselho Fiscal, no desempenho das suas funções legais e estatutárias, procedeu, no decurso do exercício de 1967, ao exame das contas e valores, verificando sempre a sua completa exactidão e a melhor ordem na marcha dos negócios sociais. É, pois, com pleno conhecimento do esforço realizado, criterioso, inteligente e dinâmico, de toda a extrema dedicação constantemente demonstrada pelo Conselho de Administração do Banco, que este Conselho Fiscal tem o prazer de manifestar o seu completo e inteiro acordo ao Relatório, Balanço e Contas apresentadas em relação ao ano social de 1967.

Os resultados obtidos, no desenvolvimento de uma acção servida pelas altíssimas qualidades morais e intelectuais da prestigiosa Administração do Banco, merecem tanto mais ser sublinhadas quanto é certo terem-se apresentado desfavoráveis múltiplos aspectos da conjuntura económica, internacional e interna.

A proposta da Administração respeitante à aplicação dos lucros líquidos do exercício de 1967 acha-se rigorosamente de harmonia com os elementos contabilísticos, com a actividade desenvolvida, aliás ao melhor nível, e com a situação patrimonial desta Sociedade.

Assim, e de harmonia com o parecer favorável também já emitido, nesta mesma data, pelo Excmo. Conselho Geral do Banco, tem este Conselho Fiscal a honra de propor:

- 1.º — Que seja aprovado o Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1967;
- 2.º — Que seja dado ao saldo da conta de Lucros e Perdas a aplicação proposta pelo Conselho de Administração;
- 3.º — Que seja louvado o Conselho de Administração pela notabilíssima acção desenvolvida.

Porto, 12 de Janeiro de 1968.

O CONSELHO FISCAL
 Afonso Corrêa Leite
 José Gualberto de Sá Carneiro
 Manuel Pinto de Azevedo Júnior

Fernando Barão da Silva

OFICINA DE REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS

Informa os seus clientes que mudou as suas instalações para a RUA CUNHA MATOS, N.º 24 — FARO a fim de servir melhor, passando a receber todo o serviço de mecânica, incluindo motores diesel e tractores.

ALBUFEIRA MENINA BONITA

(Conclusão da 1.ª página)

távamos resolvido a arrumar a pequena obra políticsca na estante, à espera de oportunidade (que nunca surgiria) de a devassar-mos.

Lembrámo-nos, todavia, antes de a arrumar na dita estante, de a folhear apressadamente.

Chamou-nos a atenção o facto de certas passagens do volume estarem sublinhadas a vermelho de esferográfica — o que nos fez chegar à conclusão de que se trataria das passagens com mais interesse e que a pessoa amiga que nos oferecia o volume pretendia que lessemos. A nossa natural curiosidade levou-nos a isso.

ALBUFEIRA, A VEDETA

O capítulo primeiro da aventura policial do sr. P. H. Renson foi imediatamente, para nós, uma agradável revelação. Vejamos como começa: «Si l'envie vous en prend, laissez-vous faire! Prenez le premier avion pour Lisbonne. Et, après, débronziez-vous pour gagner l'Algarve en automne». E, duas linhas a seguir, pode ler-se nem mais nem menos que isto: «Vous choisirez alors un gentil petit bungalow au-dessus des criques d'Albufeira ou encore une somptueuse villa — prix hors saison — contre la citadelle de Praia da Rocha». Contamos depois o autor, que no livro passa por mercenário ao serviço de uma organização de espionagem, que se instalou numa vivenda da sobre os rochedos de Albufeira, acompanhado pela sua amiga Valérie, da qual diz com graça ser um retrato chapado de Brigitte Bardot, acrescentando: «Valérie é para mim a minha Bardot. A gente tem as Bardot que pode e sobretudo aquelas que nos oferece o acaso».

A seguir Renson aconselha os seus leitores a que, se forem ao Algarve, se façam de antemão acompanhar dos seus «biscuits» (miúdas). E diz porquê: «No Algarve todas as raparigas estão tomadas. Se você descobrir uma livre, feche os olhos: é uma alucinação. E nunca acredite que se vai conseguir uma para se lhe lançar nos braços. Garante a seguir: «Ces Portugais du sud ont un sens de la propriété charnelle tellement poussé qu'éventuellement ils vous arracheraient le pain de la bouche. Avec distinction et sur un air de fado».

Claro que é impossível dar aqui conta ao leitor de todas as curiosas referências feitas à nossa Província num livro de quase duzentas páginas cuja acção, em grande parte, decorre no Algarve e principalmente em Albufeira. Há uma alusão a Portimão, por exemplo, «ou, rituellement, je déguste de la morne fumée tandis que pour la quinzième fois en dix jours Valérie attaquerait une langouste géante». Que água na boca não nos faz ler isto!

Há por todo o livro referências a nomes portugueses que eu suponho serem fictícios, claro, mas que dão ao volumezinho um certo sabor de autenticidade.

A MENINA BONITA DO TURISMO ALGARVIO

Posto isto, não nos restam quaisquer dúvidas de que Albufeira é efectivamente a menina-bonita do nosso turismo, para além de ser a praia mais caracteristicamente algarvia e a que desperta mais as atenções dos visitantes estrangeiros. Já o tinhamos verificado nas vezes sem conta que por lá temos estado. Uma gente estranha, repleta de juventude, passeia a sua alegria por aquelas ruas estreitas sob o sol abrasador do Verão. Essa mesma mocidade dança à noite nas «boites» ou ouve fado, como se estivesse no bairro mais típico de Lisboa. Albufeira é incontestavelmente a capital do turismo da nossa Província. Por mérito próprio. Por eleição unânime dos turistas.

O jornalista gosta de Albufeira, que conhece desde que se conhece. Está de acordo com a

política de turismo que ali se tem seguido nos últimos anos. É verdade que há certas coisas com que não concorda mas que não ficaria bem pôr a nu neste apontamento de louvação. O jornalista pede a Albufeira que não deixe de ser algarvia. Agradece mesmo. E agradece também a Albufeira o ter sido a causa de lhe nascer um certo interesse pelos romances policiais.

Torquato da Luz

JORNAL DO ALGARVE
N.º 567 — 3-2-68

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

1.ª Publicação

No dia DEZASSEIS DE FEVEREIRO próximo, pelas 15 horas, no Tribunal desta comarca, no processo de Execução de Sentença que Manuel António Gago, solteiro, maior, da Rebolada — Vaqueiros — Alcoutim, move, por esta comarca, contra MARIA CATARINA FILIPE, solteira, maior, de Cortes Pereiras — Alcoutim, hão-de ser postos em praça para serem arrematados ao maior lance oferecido, acima dos respectivos preços anunciados, os seguintes:

PRÉDIOS

1.º — UM MOINHO DE VENTO, com a superfície coberta de 16 m², e respectivo logradouro, com 200 m², situado em Afonso Vicente — Pateira, freguesia de Alcoutim, que confronta de todos os lados com José Amaro, que vai à praça por QUINHENTOS ESCUDOS;

2.º — UM PRÉDIO URBANO que se destina a moinho, com três compartimentos, motor auxiliar e triturador aderentes ao solo, com a superfície coberta de 75 m², sito em Pateira — Afonso Vicente, confrontando por todos os lados com Maria Catarina Filipe, inscrita na matriz do concelho de Alcoutim sob o art.º 1.413, que vai à praça por VINTE E CINCO MIL NOVECENTOS E VINTE ESCUDOS.

No mesmo dia e hora serão postos em praça para serem vendidos ao maior preço oferecido acima dos preços constantes dos autos, os seguintes móveis, penhorados à mesma executada, e dos quais é depositário o sr. Leopoldo Vicente Martins, casado, proprietário, de Alcoutim: UM MOTOR marca «Douge-Diesel»; DUAS MÓDS DE MOINHO, com a respectiva tolda; UM MOINHO DE MARTELOS, com «ciclone»; marca «Tramagal»; UM CRIVO PARA LIMPEZA DE TRIGO, tipo «Marot».

Vila Real de Santo António, 19 de Janeiro de 1968.

O Escrivão de Direito,

a) João Luís Madalena Sanches

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

a) Manuel Nuno de Sequeira Sampaio da Nóvoa

Ataíde & Neves (Sequeiras), Limitada

Certifico que por escritura de hoje, lavrada de fls. 76 v. a fls. 79 do Livro B-72 de notas para escrituras diversas do Cartório Notarial de Portimão a meu cargo, foi constituída entre os senhores Antero Lopo das Neves que também usa Antero Lopo das Neves Sequeira, António Manuel Ataíde Neves que também usa António Manuel de Ataíde Neves Sequeira e Aliete da Conceição Ataíde Neves, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se rege pelos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma «Ataíde & Neves (Sequeiras), Limitada», com sede no povo e freguesia do Algoz, concelho de Silves, sendo a sua duração por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de hoje.

2.º

O seu objecto é o exercício da indústria de transportes de aluguer e do comércio de materiais de construção ou de qualquer outro ramo de comércio ou indústria, que a sociedade resolva explorar e que não dependa de autorização especial.

3.º

O capital social é de cento e oitenta mil escudos e corresponde à soma de quotas iguais dos sócios, integralmente realizadas em dinheiro, já entrada na caixa social.

4.º

A administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, pertence aos três sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, sem caução e com ou sem remuneração, conforme o que por acta for deliberado em Assembleia Geral.

Parágrafo único: — Para obrigar a sociedade são neces-

Andares em Olhão

Vendem-se desde 150 contos em prédio construído na Rua C (Bairro da Cavalinha) com vista para o mar, em frente à futura avenida de acesso à ilha da Armona.

Dão-se facilidades. Tratar pelo telefone 24660 — FARO.

AGÊNCIA COMERCIAL DE FARO, LDA.

Em virtude da comemoração do 20.º aniversário da fundação da Empresa, encontram-se encerrados no próximo sábado, dia 10 do corrente, os seus estabelecimentos de Faro, Olhão, Loulé, Portimão e Lagos.

Ao comemorar o 20.º Aniversário da sua fundação, a AGÊNCIA COMERCIAL DE FARO, LDA. saúda todos os seus clientes, colaboradores e amigos, reafirma o seu propósito de servir cada dia melhor, esperando continuar a merecer do público a atenção e a confiança com que até hoje a tem distinguido.

sárias as assinaturas de, pelo menos, dois gerentes, excepto nos actos de mero expediente, para que basta a assinatura de um deles, e excepto nas compras, vendas, trocas de veículos automóveis, motorizados ou máquinas agrícolas, para o que é suficiente a assinatura do gerente Antero Lopo das Neves.

5.º

A cessão de quota a estranhos depende do consentimento da sociedade, que terá o direito de opção em primeiro lugar, deferindo-se aquele direito aos sócios, caso a sociedade não o pretenda exercer.

6.º

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com, pelo menos oito dias de antecedência.

7.º

É expressamente proibido aos gerentes usar da firma social em abonações, fianças, letras de favor ou quaisquer outros actos estranhos aos negócios sociais.

8.º

No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade continua com os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito, que nomearão de entre si um, que a todos os presente, adentro da sociedade, enquanto a quota se achar indivisa.

9.º

Os sócios poderão efectuar prestações suplementares de capital, nos termos e condições que forem deliberadas, em assembleia geral, e, qualquer deles, poderá fazer à sociedade os suprimentos de que ela carecer, mediante juro ou não, conforme o que for deliberado.

Portimão e Cartório Notarial, aos 22 de Janeiro de 1968.

A Notária,

Mariana Carapeto dos Santos

ALUGA-SE

1.º andar, mobilado, com cinco assoalhadas, aluga-se nos meses de Março e seguintes, em conjunto ou separados, em Vila Real de Santo António. Dirigir a este jornal ao n.º 8920.

Conheça o país mais espantoso do mundo:

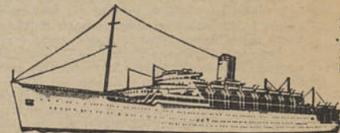


a AUSTRÁLIA

...terra de progresso e de encantos naturais

* Preços especiais de Janeiro a Maio

Reserve já a sua passagem



Consulte o seu Agente de Viagens ou o Agente Geral em Portugal:

JAMES RAWES & CO. LTD.

Rua Bernardino Costa, 47
Telef. 370231 (8 linhas) — Lisboa 2

A MAIOR FROTA DE PASSAGEIROS DO MUNDO

Afinal, é fácil ser crítico!

(Conclusão da 1.ª página)

lantropia. Somos críticos e, para os criticados, se elogiamos cumprimos um dever, se apontamos somos uns inclassificáveis maldizentes.

E assim, já o sabia, mas tal conhecimento não impediu que ante o último «Frente a Frente» me sentisse espantado: foi espantoso o que a respeito dos críticos se ouviu, foi espantosa a facilidade com que a convidada se arvorou em crítico. Afinal não necessitou de tomar contacto directo com o meu jornalista para se sentir apta a criticar os críticos. Que pena ter-lhe sido tão fácil ser crítico!

Sempre dei a Simone de Oliveira o lugar que pela sua voz merece no nosso campo artístico, onde ocupa o lugar cimeiro. Sou uma admiradora sua e por mais de uma vez o disse, já, no nosso jornal. Mas porque além disso sou também uma amiga da artista — a mulher não conheço — tenho feito comentários ao seu reportório, a algumas das suas actuações, à sua ocasional arrogância. Elogiando-a fui justa e quis somente premiar o seu talento, apontando fui honesta e pretendi alertá-la sobre certos perigos que via começarem a comprometer a sua carreira. Foi sempre o crítico no exercício da sua missão, mas também a «fan» que felicitava com prazer e que avisa por fidelidade.

Não foi, portanto, só o crítico, mas também a admiradora, que nessa noite quis ouvir a Simone. «Frente a Frente» com Simone?... E a interrogação repeta-se causando-me uma vaga sensação de inquietude. «Frente a Frente» com Simone?... «Frente a Frente» com Simone?...

Era inevitável, dadas as características do programa. As perguntas tinham que ser feitas à mulher, depois de dirigidas as relativas à artista, e fizeram-se embora de maneira ambígua. A mulher desejaria responder mas, porque se sente incompreendida, revolta-se — talvez por convencionalmente se achar impedida de responder com a franqueza que me dizem própria do seu carácter — e irónica pede auxílio à artista. Esta acede mas contrariada. Está irritada embora sorria e não consegue dissimular a cólera que vota a quem se imiscui nos seus assuntos pessoais. Mas não pode gritá-la, não pode descarregar sobre essas e, numa conversa confusa onde tanto refere assuntos artísticos como particulares, atira-se aos críticos. Generaliza, fala sem contemplação... Está excitada, nota-se, mas altiva, importante, arrogante. E cresce, cresce como que para enfrentar os pés que a espreitam ávidos de espeznhá-la, como disse, e que a obrigam a uma constante posição de defesa.

Tem Simone de Oliveira o direito de se defender, terá também o

de se considerar juiz único dos seus actos, mas não lhe assiste o direito de ofender aqueles que para si usam apenas as mãos e estas por que as canetas não prescindem delas.

Enfim, um «Frente a frente» que ofereceu uma Simone que os críticos terão de esquecer e esquecerão porque o seu ofício não é espeznhar. A nossa missão é outra e faz-nos ser compreensivos. Ser compreensivos... Compreensivos, entende, Simone de Oliveira?

MARIA CARLOTA

JORNAL DO ALGARVE
N.º 567 — 3-2-68

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

1.ª Publicação

No próximo dia VINTE E UM DE FEVEREIRO, pelas 14 horas, no Tribunal desta comarca, e nos autos de Execução de Sentença, pendentes na Secção de Processos, que JOSÉ JOAQUIM JUSTINO ZACARIAS e OUTROS, de Tavira, movem contra ANTÓNIO PERPÉTUA CRISPIM, e mulher JOSEFA MUNHOZ CAMPELO CRISPIM; ele negociante, ela doméstica, ausentes em parte incerta, com última residência conhecida nesta vila, na Rua Marechal Carmona, n.º 33, se procederá à arrematação em HASTA PÚBLICA, para serem vendidos aos maiores preços oferecidos acima dos valores constantes dos autos, UM PEQUEÑO BARCO denominado «FUTURO DE VIDA» e UM MOTOR MARÍTIMO, marca «Diesel Bukh», dos quais é depositário o sr. António Pena, casado, construtor naval, desta vila.

Vila Real de Santo António, 24 de Janeiro de 1968.

O Escrivão de Direito,

a) João Luís Madalena Sanches

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

a) Manuel Nuno de Sequeira Sampaio da Nóvoa

Netos

JOSÉ GUERREIRO NETO & FILHO, LDA.

LOULÉ — RUA PADRE ANTÓNIO VIEIRA — Telef. 283

FARO — RUA PÉ DA CRUZ — Telef. 24585

**empregados re-
comendados pela**
SHELL PORTUGUESA, S. A. R. L.

na aplicação de
FLINTKOTE

→ IMPERMEABILIZAÇÕES
→ PAVIMENTOS



Srs. Conserveiros

Agora para descalcificar as vossas caldeiras o Químico **PENETONE-Fórmula 991** que retira todas as incrustações sem atacar os metais.

Barros refractários — prontos a aplicar para ligar tijolos;

Cimentos Refractários, para moldar tijoleiras. Todos os cartões e empanques para juntas; Bombas de alimentação; Avisadores automáticos de nível; Purgadores; Válvulas para todos os fins; Isolamentos; Assistência técnica com pessoal especializado. Materiais em stock.

Bell's & C.ª, Lda.

Representante para o Algarve:

Officinas Perrolas, Lda.

PORTIMÃO — Telef. 571

«NAVÁLIA-Sociedade de Construções e Reparações Navais, Lda.»

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura lavrada ontem, de fls. 68 v.º a 70 do respectivo livro n.º A-46, do notário do 2.º Cartório da Secretaria Notarial de Faro, abaixo assinado, foi constituída entre Fernando Jorge Vieira da Costa e Manuel Rodrigues Pereira a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada em epígrafe, nos termos dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação «NAVÁLIA — SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES NAVAIS, LDA.», tem a sua sede na vila e concelho de Vila Real de Santo António, provisoriamente na Rua Sousa Martins, n.º 72 e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

2.º — O seu objecto é a indústria de construções e reparações navais e qualquer outro ramo em que a sociedade acorde e seja legal.

3.º — O capital social, inteiramente realizado em dinheiro, já entrado na caixa social,

é de 100.000\$00 e representado por 2 quotas de 50.000\$00, uma de cada sócio.

4.º — A cessão de quota depende do consentimento da sociedade e do outro sócio que terão direito de preferência, primeiro aquela e depois este.

5.º — A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme for resolvido em assembleia geral, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, sendo necessária a intervenção dos 2 gerentes para ela ficar obrigada mas bastando a de um deles nos actos de mero expediente.

6.º — As assembleias gerais, quando a lei não exija outras formalidades, serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de 8 dias.

Está conforme.

Faro, aos 24 de Janeiro de 1968.

O Notário,

Januário Severiano Daniel dos Reis

Com vista à valorização e divulgação do turismo nacional no estrangeiro

(Conclusão da 1.ª página)

No aspecto das edificações hoteleiras a construção tem sido orientada no sen-

JORNAL DO ALGARVE
N.º 567 — 3-2-68

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

No próximo dia TRINTA DE JANEIRO, pelas 14 horas, no Tribunal desta comarca, no processo de Execução de Sentença que MANUEL ANTÓNIO GAGO, solteiro, maior, de Rebolada, move contra ANTÓNIO JOSÉ SEBASTIÃO, solteiro, maior, proprietário, do Monte da Tenência, freguesia de Odeleite, desta comarca, será posto em segunda praça, para ser arrematado ao maior lance oferecido, acima do respectivo preço anunciado, o seguinte:

PRÉDIO

UMA COURELA DE TERRA denominada «ROCEADA», no Monte da Tenência — Odeleite, que confronta pelo nascente com Sebastião Palma, pelo sul com Francisco Revez, pelo poente com Manuel Francisco e pelo norte com Manuel Romeira, inscrito na matriz sob os artigos 4.544 e 4.545, que vai à praça por MIL SEISCENTOS E DOZE ESCUDOS E CINQUENTA CENTAVOS.

Vila Real de Santo António, 17 de Janeiro de 1968.

O Escrivão de Direito,

a) *João Luís Madalena Sanches*

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

a) *Manuel Nuno de Sequeira Sampaio da Nóvoa*

tido de atrair o turista abastado, com nítido desinteresse pelo turista médio, mas não se correrá um risco de saturação ou fuga, que poderá ocasionar sérias preocupações aos capitais investidos? As retracções a que assistimos nas saídas de divisas de alguns países, não aconselharão a ter de se tomar em maior atenção o turismo médio, vindo de países da Europa?

Há que defender o trabalho realizado e assim ter-se-á de procurar caminhos que salvaguardem o esforço já despendido, que nos dignifica e prestigia. Contudo, impõe-se que os entusiasmos da primeira hora não esmoreçam e a nossa capacidade realizadora não sofra abrandamento.

Com os olhos postos no incremento do nosso turismo, não seria de interesse organizar concursos, ao nível internacional, em que se divulgassem as belezas de Portugal?

Com o pensamento dirigido à próxima época de veraneio, não seria oportuno promover talvez um concurso do género «Conheça Portugal», que incluísse a inserção na imprensa europeia de maior expansão, de gravuras que reproduzisse paisagens mais características do País, monumentos, folclore, etc.?

A realização e coordenação seria da iniciativa do departamento nacional de turismo, os encargos, embora com a participação do Estado, teriam o apoio das entidades mais directamente ligadas ao sector: hotéis, transportes, etc. Os prémios a atribuir seriam estaduais no país e pela sua duração se estabeleceria o grau da classificação obtida. Um concurso, em suma, integrado numa campanha de divulgação turística de Portugal no estrangeiro, que permitisse a divulgação, em maior escala, do turismo nacional.

Aqui fica a sugestão.

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

Casa Somóveis

Rua Sebastião Teles, 6 (à estação)

FARO

Uma filial do Norte que tem sempre um bom sortido de mobílias a preços convidativos, e bem assim conjuntos de sala estofados, sofás-camas, colchões Molaflex e outros.

Vendas a pronto e com facilidades. Recebem-se mobílias velhas em troca.

Câmara Municipal de Faro

Serviços Municipalizados

Água, Electricidade e Saneamento

Anúncio

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DO FORNECIMENTO DE 1 VIATURA AUTO-LIGEIRO DE CARGA, TIPO DIESEL, POR TROCA COM OUTRA USADA

Faz-se público que no dia 28 de Fevereiro de 1968, pelas 14,30 horas, na sala de reuniões dos Paços do Concelho e perante o Conselho de Administração, terá lugar o concurso público por meio de proposta, encerrada e lacrada, a enviar pelo correio, sob registo, para o fornecimento acima indicado.

O depósito provisório a efectuar é de 3.250\$00, mediante guia passada pelo próprio concorrente.

As condições — caderno de encargos e programa de concurso — encontram-se patentes ao público na secretaria dos Serviços Municipalizados até ao referido dia, onde podem ser consultadas durante as horas de expediente.

Faro, 26 de Janeiro de 1968.

O Presidente do Conselho de Administração,

JOÃO HENRIQUE VIEIRA BRANCO

A vida maravilhosa do atum

(Conclusão da 1.ª página)

dos às flutuações regulares do meio em que vivem, nenhuma das quais é, aliás, obra do acaso, mas, sim, provocadas por forças decorrentes das leis da Natureza.

Necessário e indispensável se torna, pois, conhecer as leis dessas flutuações, a fim de prever as suas consequências e, de seguida, tirar delas o correlativo proveito.

Essa tarefa incumbe ao oceanógrafo e ao zoologista, a fim de que, depois, o pescador aproveitando os ensinamentos da ciência, possa exercer pesca lucrativa, para não andar nela a exercitar-se verdadeiramente ao acaso, como, aliás, e por via de regra, acontece actualmente dia a dia.

É que, se ele não recorrer a queles ensinamentos, os seus esforços poderão reverter inúteis; e, assim, na época actual, para efeito de uma exploração lucrativa, quer da terra, quer do mar, é de facto preciso recorrer aos ensinamentos derivados dos vários ramos da ciência.

Portanto, e porque o atum não se desloca inconsideravelmente nos oceanos e mares em que reside e se activa, foi a sábia e providente Natureza que, certamente, lhe elegeu a sede da sua população (o seu habitat de inverno), a qual, por isso, lhe facultou todas as condições de vida nos fundos da hibernação, aliás isentos de peixes depredadores, seus inimigos fatais, mediante um repouso físico e fisiológico; são as condições frígidas desses fundos de hibernação que o fazem ascender à superfície do mar, quando começa a amadurecer sexualmente, visto este estado se não compadecer com as baixas temperaturas daqueles fundos; são as exigências das condições internas desse peixe, por força de natural imposição do conveniente, necessário e indispensável desenvolvimento integral das suas glândulas sexuais que o compelem a correr genéticamente em longitude e, portanto, em águas sensivelmente isotérmicas; e, realizada que seja a postura ou desova, por força dessas exigências de ordem puramente interna, esse atum é compelido a empreender uma extensíssima migração em latitude, pois então reverte indiferente às variações de temperatura do meio ambiente, por força da necessidade imperiosa duma exploração alimentar, pois a região ma-

ritima relativa à «área da postura ou desova», não lhe pode facultar a alimentação necessária e indispensável às suas importantes exigências de então, devido a esse peixe a ela acorrer em número quase infinito; e, essa exploração alimentar, é empreendida em latitude — e não em longitude — porque, em nosso entender, essa exploração assim realizada é muito mais lucrativa, por mais fértil e variada em matéria de espécies ictiológicas miúdas, que são as que então sobejamente lhe interessam; é, depois disso, a sua natural condição de saturação alimentar, aliada ao adiantado da estação estival ou outonal, que o compele a movimentar-se em sentido contrário. Isto é, para o Sul, e até que, de novo, consiga alcançar a latitude da qual partiu para efeito dessa digressão alimentar, ou seja a latitude da respectiva «área da postura ou desova», depois do que, a necessidade imperiosa de um repouso físico e fisiológico, pois até aí tem-se movimentado continuamente e insistentemente por volta de seis meses, o forçar a regressar às profundezas do seu «quartel de Inverno», onde hibernará nas condições precedentemente referidas, sem que nelas possa ser incomodado, como as circunstâncias requerem, pela presença de peixes depredadores, seus tremendos inimigos, devido à pressão dos grandes fundos da sede da hibernação; e, deste modo, terminará esse peixe o ciclo do seu fenómeno migratório periódico, por força das normas que a Natureza lhe preceituou.

JOSE SALVADOR MENDES

Prédios novos

Prédios novos ou Andares em Propriedade Horizontal, vendem-se e alugam-se.

Tratar com José Perreira Júnior e J. S. Carruca. Estrada da Penha. Telefones 23549 e 22683 — FARO.

Café Bar do cinema de S. Brás de Alportel

Por motivo de retirada inadiável do seu concessionário para o estrangeiro, cedem-se os direitos da sua exploração.

Aos interessados fornecem-se detalhes e pormenores pelo telefone n.º 42276, ou em correspondência dirigida a: ANTONIO JOSÉ GONÇALVES COELHO — S. Brás de Alportel. Concedem-se facilidades.

Anúncio

FRANCISCO MANUEL NUNES CAPOTE, Juiz Auxiliar das Execuções Fiscais do concelho de Alcoutim.

Faço saber que no dia 11 de Março de 1968, pelas 11 horas, na Repartição de Finanças do concelho de Alcoutim, se há-de proceder à arrematação em hasta pública, pelo maior lance oferecido, dos bens abaixo designados, situados na freguesia e concelho de Alcoutim, e penhorados a João Gomes, solteiro, maior, proprietário, residente em Balurcos de Baixo, desta mesma freguesia e concelho, para pagamento da quantia de 19.905\$70 (dezanove mil novecentos e cinco escudos e setenta centavos), acrescida de selos, custas e juros, proveniente da execução que lhe é movida pela Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, de empréstimo da Campanha do Trigo de 1962 e 1963, dos quais bens ficou por depositário José Cavaco, casado, proprietário, residente em Balurcos de Baixo, desta freguesia e concelho.

DESIGNAÇÃO DOS BENS

1.º — Um ferragial, sito nos arredores do Monte de Casa Branca, freguesia e concelho de Alcoutim, a confrontar do norte com António Galrito, sul e poente com Manuel Francisco e nascente com o Monte, inscrito na respectiva matriz predial rústica sob o artigo n.º 1.492, com o valor matricial de seiscentos escudos, valor por que vai à praça.

2.º — O direito a metade indivisa numa courela com árvores, no sítio do Capacho, denominada a do Bitaréu, freguesia e concelho de Alcoutim, a confrontar no seu todo, do norte e sul com João Gomes, nascente com herdeiros de Manuel Sebastião e poente com o Barranco, com a área de 120.000 metros quadrados, inscrita na respectiva matriz predial rústica sob o artigo n.º 4.209, com o valor matricial correspondente de quatro mil seiscentos setenta e cinco escudos, valor por que vai à praça.

Ficam por este citados quaisquer credores incertos e desconhecidos, bem como os sucessores dos credores preferentes e os co-proprietários do prédio descrito em segundo lugar.

Repartição de Finanças do concelho de Alcoutim, 30 de Janeiro de 1968.

E eu, Arnaldo António Rodrigues, servindo de escrivão, o dactilografei.

VERIFIQUEI

O Juiz Auxiliar das Execuções Fiscais do concelho de Alcoutim,

a) FRANCISCO MANUEL NUNES CAPOTE

Começamos a ter fé em melhores dias para a filarmónica lacobrigense

LAGOS — Vêm de longe os nossos reparos sobre coisas que na Filarmonica nos têm parecido menos aceitáveis no sentido do engrandecimento da arte dos sons.

Recentemente, algo referimos que deu azo a má interpretação de algumas pessoas, mas foi aceite pelos que colocam as causas acima dos indivíduos, e daí talvez uma reacção que se nos afigura positiva.

A direcção, fazendo distribuir circulares sobre os esforços em que está empenhada para uma quase total renovação, é natural venha adquirir a confiança dos sócios no sentido de uma Filarmonica maior e melhor.

A sala que era praticamente propriedade de determinados sócios, foi transformada em casa de ensaio e ali se vêem estantes de ferro, há pouco adquiridas; na sala que se destinava a ensaios, um televisor que os sócios e aprendizes, podem aproveitar até mesmo à hora do programa da Telescola. Têm em vista jogos de bilhar e bonecos, sendo natural que venham a pensar numa biblioteca. Assim, começamos a ter fé em melhores dias para a Filarmonica.

NAO SERA UM ERRO FAZER-SE ALARDE DO BEM QUE ESPALHAMOS? — Sempre que a propósito de inundações e tremores de terra surgem fotografias de vítimas, especialmente nos grandes diários, no sentido de dar realce a obras assistenciais, sentimos que isso, longe de engrandecer os que assim procedem, vai diminuí-los.

Parece-nos assim que a imprensa que se presta a dar realce aos aspectos de distribuição de géneros alimentícios, roupas, ou quaisquer artigos para socorrer as vítimas, contrariando salutares princípios, contraria, consequentemente, a nobre missão de informar com reservas quanto respeito pelo menos aquela assistência que se impõe pela força das circunstâncias e é feita mercê da generosidade dos que sabem sentir o mal alheio.

Que se procure despertar os mais insensíveis para a prática do bem, absolutamente de acordo; mas que se faça alarde do bem que se pratica, envergonhando talvez os assistidos, para propandas na maior parte dos casos tendenciosas, consideramos erro, que bem nos ficaria reparar.

A ASSEMBLEIA DO CLUBE F. ESPERANÇA — Presidida pelo sr. José dos Reis Bravo, realizou-se a assembleia geral ordinária do C. F. Esperança, para votação do relatório e contas da gerência de 1967 e eleição dos corpos gerentes para 1968. A obra da direcção cessante foi objecto de elogios do conselho fiscal, que destacou o sr. Duarte como grande impulsor do clube, muito que foi possível realizar, quer no parque de campismo, quer no campo de jogos, e nós destacamos ainda António Marciano da Costa Duarte, que todos conhecemos por «fiscalista» pela acção desenvolvida na parte de futebol, sempre com vista a mais e melhor desporto. Nos assuntos de interesse para o clube, foram focados os que respeitam a revisão do contrato que existe com a Câmara, cujas bases são um tanto desfavoráveis à sua acção; construção de sede própria, realização de arranjos em troca de propaganda, mas nós defendemos que primeiro se consigam interessar o sr. dr. Telo num arranjo em colaboração com o clube, ficando este autorizado à propaganda que venha a entender por bem.

A PROPOSITO DOS «CAMINHOS DA JUVENTUDE» — Registamos com pesar que pais menos conscienciosos se insuriram pelo que sobre a juventude insere o *Jornal do Algarve* de 27 de Janeiro. Não tivemos em vista molestar quem quer que fosse, e o que apontamos mais não visou que chamada a pais e professores no sentido dos jovens se convencerem da necessidade de manter no lar ou fora dele, a compostura que se impõe para evitarmos que imitem os que com liberdades desmasiadas, ameaçam tornar mais negros os dias da conturbada hora que passa.

Aos pais, em primeiro lugar, compete a chamada à ordem, evitando que menores de 12 anos recolham a casa depois das 8 horas, como temos constatado, pois os professores por mais dedicados que sejam não podem fazer de um mau filho um bom aluno.

O espirito de colaboração entre pais e professores é coisa que se impõe, mas porque sabemos bem que a maioria

dos pais descarta da educação dos filhos alheando-se por completo à sua aplicação nos estudos, julgamos de defender mais ligação entre pais e filhos, para que estes possam vir a honrar-se e honrar-nos.

ACUSAÇÃO E ANONIMATO — Não restam dúvidas a quem quer que seja de que a acusação e o anonimato são armas tanto ou mais traiçoeiras que os canhões anti-aéreos, as bombas atómicas e os diversos engenhos de guerra que os homens na ansia de poderio material, não se cansam de aperfeiçoar e utilizar, destruindo o que se deveria conservar e engrandecer.

Mas, triste é referirmos, pelo menos no meio em que vivemos a acusação e o anonimato esperam a todos os cantos, pela inveja e egoísmo que avassalam determinadas pessoas que sentem prazer no mal alheio, mas desejam continuar nas graças dos que as consideram.

De tal resultam sempre, quer queiramos quer não, prejuízos para a verdade, posto que todos os que desçam à acusação ou anonimato, fazem-no por espirito de vingança ou inveja, desenvolvendo nos atingidos o espirito de revolta, quando está mais que provado ser a paz indispensável ao progresso social.

Quem recebe uma carta anónima, especialmente tratando-se de autoridade, não pode ficar de braços cruzados, e das diligências para apurar a verdade, resultam incómodos e sanções sempre desagradáveis, ficando o fardante a rir-se pelo mal que o seu acto indigno causa.

Poderíamos citar alguns casos justificativos do presente desabafo, mas como tal não adiantará para o fim que visamos (desenvolver nas criaturas sentimentos de paz e amor) limitar-nos-emos a pedir aos que acompanham os nossos apontamentos que procurem por todos os meios ao seu alcance intensificar o repúdio pela acusação e anonimato.

Joaquim de Sousa Piscarreta

JORNAL DO ALGARVE
N.º 567 — 3-2-68

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

Pelo Juízo de Direito desta comarca e Secção de Processos, correm éditos de vinte dias, contados da segunda publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos da executada MASON AND BARRY, LIMITED, com sede em Lisboa, na Avenida Duque de Loulé, n.º 97, 2.º, e com estaleiros no sítio do Lazareto, desta vila, para no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Manuel Salvador Vaz Palma, casado, comerciante, desta vila, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Vila Real de Santo António, 24 de Janeiro de 1968.

O escrivão de Direito,

a) João Luís Madalena Sanches

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

a) Manuel Nuno de Sequeira Sampaio da Nóvoa

COMO
Chá de Hamburgo
LEGÍTIMO
BOA DISPOSIÇÃO DURANTE TODO O DIA
Benefícios nas perturbações do fígado, da vesícula e das vias urinárias. Estimulante digestivo à venda nas Farmácias.

CAFE CHAVE D'OURO
MAIS DE 50 ANOS
AO SERVIÇO DA REPUBLICA
SERVE-SE A CHAVEVA
E TEM-SE A PESO EM TODOS OS DIAS
Vilarinho & Sobrinho, Lda.
Janelas Verdes — LISBOA
Frieiras... QUE FLAGELO!!!
Só as tem, quem as deseja ter! Usando «QUEIMAX», desaparecem-lhe em pouco tempo, mesmo as ulceradas.
À venda nas Farmácias.

Cantinho de S. Brás...
O diálogo continua...
AGORA não me largas a pele! — Coitadinho Bernardo, alvoroçado, mal me lobrigou. Andas à roda, com a mania das novidades. Naturalmente já deves em algures esse «Cantinho», parecido a D. Quixote. Não tens roupinhas interiores para lavar? Parece-me que ambos já estavam a pisar o risco, metendo fofoce em seara alheia. Acho que para o prestigiarem devem martelar nas necessidades da terra ou cantar as suas belezas, não se embrenhando por caminhos tortuosos. Têm tanto para comentar! E só uma questão de abrir os olhos!
— Mas que sim? Queres então que a lista dos «inimigos» que arranjámos engrosse como vara de chouricos? Dando publicidade exclusivamente a assuntos de interesse para a terra é martelar a mesma tecla, e quem dá o braço a torcer? Todos estão convictos de que desempenham os seus cargos impecavelmente. Ninguém admite uma observação, conselho ou despretensioso reparo. Vem-nos logo com a mania da perseguição, desviam-se de propósito, evitam o cara a cara, e por vezes parecem (parecem só) muito maucunhos. Coisas para onde vai, com um estilo inconfundível, vigoroso, vai-se assim abaixo das canetas sem mais nem menos? Ainda moiro na costa! Tem de existir um motivo e poderoso, que justifique — se é que poderá ter justificação — o seu silêncio, só esporadicamente quebrado na última semana. Inspiração não lhe falta, motivos muito menos, meze na pena com destreza e perfeição. O que será? Inveja, sabes?
— Na realidade, o «Cantinho», está coxo! Precisa da colaboração brilhante do meu colega! É verdade que nesta época do ano trabalha que se farta. Com a posição social que tem (de inegável valor na terra) culto, desempenhado, e alguns ganhos, é natural que sofra a sua pontinha de perseguição, e tenha simultaneamente de arranjar a sua escrita particular, fazendo serões até altas horas da noite. Pressinto que em breve reaparecerá com regularidade, arefando o ambiente com as excelentes pinceladas da sua prosa, para glúrio dos inúmeros admiradores... e admiradoras! A sua elegância de estilo, está mesmo a estilar-se!
— Esperemos que assim aconteça! A nossa terra só tem a lucrar com a sua colaboração, sensata e equilibrada. Se fôssemos ligar a críticos, pescadores profícuos de águas turvas, que fazem mal de tudo e de todos, num prazer estranhamente doente, já há muito tempo que teria fechado a loja, dando a desculpa de que o calveiro estava doente. O homem passa, a caravana morde, abespinha-se, blasfema imprecacões de bruar aos céus, mas, parte das vezes, a razão moral que se reivindica, assenta nas areias movediças da tolice. Quando nos couraçamos em princípios que se harmonizam com a integridade de carácter e nos sabemos senhores da situação mercê de autodomínio que resulta do exame de consciência, deixa correr a peçonha, porque não atinge o objectivo visado.
— Mais uma vez, Bernardo, fogaes, com ardilosas subterfúgios ao principal fim da nossa entrevista. Gosto muito da tua argumentação ponderada, das tuas opi-

O Mercedes-Benz 200 D é o carro que melhor reúne as duas características dominantes para a preferência de quem compra: Por um lado a economia e a qualidade do material; por outro, a elegância e a sobriedade numa linha de grande classe. Pela razão desse excepcional equilíbrio de valores, o 200 D é um dos carros mais procurados e desejados no mundo inteiro. Um carro verdadeiramente digno do símbolo que usa, na tradição da incontestável qualidade da marca MERCEDES-BENZ.



C. SANTOS S.A.R.L.

Avenida da Liberdade, 29, 41-Lisboa
Porto · Coimbra · Braga · Faro · Olhão
Agentes em todo o País

Mercedes-Benz 200 D (Diesel)
confortável, seguro, económico, digno de confiança.

ACOMPANHE O PROGRESSO

HOOPER KEYMATIC DE LUXO
TOTALMENTE AUTOMÁTICA
DEZASSEIS PROGRAMAS DE LAVAGEM
DISTINTOS
UTILIZA A JÁ FAMOSA CHAVE KEYMATIC.
16 ANOS AVANÇADA EM RELAÇÃO AO TEMPO...

HOOPER MODELO 17
TOTALMENTE AUTOMÁTICA
CATORZE PROGRAMAS DE LAVAGEM.

HOOPER MODELO 41
TOTALMENTE AUTOMÁTICA
NOVE PROGRAMAS DE LAVAGEM.

MAQUINAS AUTOMATICAS DE LAVAR ROUPA

LEOPOLD SHIROI, LDA. LISBOA · PORTO · FARO · COIMBRA
DEMONSTRAÇÕES PERMANENTES NA SEDE E EM TODAS AS FILIAIS HOOPER

VENDE-SE
Camião Scania-Vabis, de 4 cilindros.
Trata: José Fernandes Henrique, Portimão, telefones 294-384

Barbeiro
Precisa, oficial ou meio oficial, a Barbearia Chic, em Lagos.
Vende-se
Prédio na Rua Vasco da Gama, N.º 8 em Portimão.
Trata na Drograria Moderna, de António Arnaldo Mateus — Telef. 167 — PORTIMÃO.

Escola Dactilográfica Algarvia
Rua Dr. Gustavo Cordeiro Ramos, 116-1.º — PORTIMÃO
Alvará do Ministério da Educação Nacional
AMBOS OS SEXOS — ABERTA TODO O ANO
Cursos normais e de especialização em teclado NACIONAL E INTERNACIONAL
Concessão de DIPLOMA aos alunos Método DECACTILAR-RÍTMICO
PREPARAÇÃO PARA TODOS OS GÉNEROS DE CONCURSOS E EXAMES

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Nacional da 2.ª Divisão

Comentário de JOAO LEAL

2.ª Divisão Nacional

Reiniciam-se amanhã o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, após uma pausa de duas jornadas...

difficil para os algarvios, pois os piederens tudo farão por arrecadar os dois pontos de que tanto carecem...

Distrital da 1.ª Divisão

O Farense distanciou-se no comando

No mais importante prélio da jornada, disputado no Estádio de S. Luis, o Farense bateu por margem tangencial o seu mais directo competidor, o Lusitano...

O Lusitano perdeu no último minuto

O desafio «maior» da jornada, aquele em que se defrontavam os dois da cabeça da classificação, atraiu ao Estádio de S. Luis boa assistência...

Basquetebol no Algarve

Vitória do Farense no seu primeiro encontro no Nacional maior

Farense, 69 — C. I. F., 57

Foi disputado com grande entusiasmo o primeiro encontro dos farense, este ano na I Divisão, no seu campo da Alameda...

Após intervalo já os algarvios alcançaram a vantagem verificada na marca 39-29, diferença que praticamente se manteve até final com pequenas oscilações...

As equipas alinharam e marcaram: Farense — Vinhas (8), Hélio (16), Samuel (17), Fontainhas (12), Oliveira (2), Passos (15), Soromenho, Santos e Mendes (2), Rui Martins (2), José Martins (16), Mário (3), Carlos Correia (2), Guimarães (12), Noivo, Mesquita e Silva.

Nacional da 2.ª Divisão

Vitória de Os Olanhenses e marçolo de O Imortal

Nos encontros do Nacional secundário, registaram-se uma vitória e uma derrota dos representantes algarvios. Enquanto em Albufeira, o Imortal perdeu com o Cruz Quebradense pela marca de 39-49...

As equipas, no jogo de Olhão, alinharam e marcaram: Os Olanhenses — Pinheiro (9), Loulé (12), Custódio (1), Fonte Santa (14), Martins e Santos, Lisgás — Rodrigues (6), Ferreira (2), Cardoso (8), Quaresma (2), Pires, Vasconcelos, Rico (2) e Castanheira (6).

Regional de Juvenis

S. C. Olanhense, 37 — Farense, 30 (13-13 no primeiro tempo)

J. Dourado

Campeonato Distrital de Futebol Corporativo

No domingo decorreu a 1.ª jornada da fase final do Corporativo de Faro, em que os visitantes ganharam e pelo mesmo «score» aos adversários (2 bolas a 0). Em Portimão, o Grupo Desportivo da Casa dos Pescadores local, teve sérias dificuldades para desembaraçar do seu valeroso adversário (Casa do Povo de Conceição de Faro)...

Jogos para amanhã

Casa dos Pescadores de Portimão — Casa do Povo da Luz de Tavira (no campo do Portimonense, às 15 horas). Casa do Povo de Conceição de Faro — Casa do Povo de Conceição de Tavira (no Estádio de S. Luis, em Faro, às 17,30 horas).

Torneio de xadrez em Faro

No restaurante do Café Paris, em Faro, começa na segunda-feira, às 21,30, um torneio de xadrez, que regista já apreciado número de inscrições. São disputadas algumas taças e medalhas.

Campos de mini-golfe em Faro

Em recente reunião da Comissão Municipal de Turismo, foi estudada a possibilidade de criar campos de mini-golfe na capital algarvia, o que se reveste de indubitável interesse turístico, ampliando pontos de distração e recreio que oferecemos aos visitantes. O assunto está a ser convenientemente estudado, encarecendo-se a hipótese de construir um campo na periferia da cidade (sabemos nós, Alfrado, e a Capitania do Porto) e outro na praia de Faro.

Noticias do futebol algarvio

Veríssimo, o antigo internacional «leonino», é o novo técnico do Olanhense. Anteriormente treinava o Sintrense. Veríssimo tomou conta da turma no início da semana. Alfrado, o veterano ex-defesa do Farense e do Olanhense, substituiu Benito na orientação do Faro e Benfica. Ramos, fogoso dianteiro do Portimonense, sofreu fractura do peroneo, durante um treino de conjunto da sua equipa. Uma baixa importante para os barlaventinos. — Marcelo da Velha, é o nome da recente «quisição» do Farense. Actua a médio e é irmão do conhecido jogador Bernardo da Velha.

Classificações

1.ª Divisão Distrital

1.º Farense, 38 pontos; 2.º Lusitano, 34; 3.º Faro, Benfica, 30; 4.º Silves e Esperança, 27; 6.º Moncarapachense, 24; 7.º Desportivo, 23; 8.º Fuseta, 22; 9.º Unidos e Louletano, 16 pontos.

Distrital de Juniores

1.º Olanhense, 38; 2.º Farense, 35; 3.º Lusitano e Silves, 27; 5.º Portimonense, 26; 6.º Louletano, 23; 7.º Unidos, 22; 8.º Esperança e Faro e Benfica, 21 pontos.

Distrital de Juvenis

1.º Lusitano, 14 pontos; 2.º Silves, 13; 3.º Olanhense e Farense, 12; 5.º Faro e Benfica, 8; 6.º Unidos, 7; 7.º Esperança, 6 pontos.

TROFÉU Amol

MARCADORES

Table with 2 columns: Name and Goals. Nelson Faria (Farense) 26 goals, Miguel (Silves) 15, Aniceto (Lusitano) 13, José Bento (Farense) 12, Pedro (Farense) 10, Carlos Manuel (Esperança) 9, Guita (Faro e Benfica) 8, Graça (Moncarapachense) 8, Marco (Faro e Benfica) 7, Simplicio (Desportivo) 6, J. Vicente (Lusitano) 5, Hermenegildo (Esperança) 5, Faisa (Fuseta) 5, Piedade (Louletano) 5, Virgílio (Silves) 4, Borges (Desportivo) 4, José Lampraia (Farense) 3, Piloto (Lusitano) 3, Torres (Lusitano) 3, Caetano (Silves) 3, Adílio (Moncarapachense) 3, Sebastião (Fuseta) 3, Monteiro (Louletano) 3.

Campeonato Distrital de Corta-Mato da F. N. A. T.

Na 2.ª prova do Distrital de Corta-Mato disputada no domingo na Luz de Tavira, a classificação foi a seguinte: 1.º Filipe Correia, Sacor; 2.º Jaime Costa, C. P. Luz de Tavira; 3.º José Vicente, C. R. P. Cacela; 4.º Joaquim Franco, C. P. Portimão; 5.º Alberto Fernandes, C. P. Conceição de Tavira. Ao cabo das duas provas já disputadas, a classificação geral ficou assim ordenada: 1.º Filipe Correia, 2 pontos; 2.º José Vicente, 5; 3.º Jaime Costa, 6; 4.º Alberto Fernandes, 8; 5.º Joaquim Franco, 9; 19.º Luis da Silva, 38 pontos. Amanhã disputa-se a 3.ª e última prova, em Faro, nos terrenos anexos ao Estádio de S. Luis, com partida às 10 horas.

Ultimam-se os preparativos da XIX Volta a Portugal em Automóvel

No Clube 100 à Hora intensificam-se os preparativos para a XIX Volta a Portugal em Automóvel, prova integrada no Calendário Internacional de Rallyes. Prevê-se que este ano a Volta atinja grande projecção internacional, pois são numerosos os concorrentes estrangeiros interessados em participar no mais importante rallye do clube organizador contactaram com os concorrentes franceses que partiram de Lisboa para o Rallye de Monte Carlo, os quais manifestaram grande interesse em estar presentes, caso as datas não sejam incompatíveis com os seus compromissos. Por outro lado, o Clube 100 à Hora tem recebido diversa correspondência de pilotos independentes e «teams» europeus, pedindo regulamentos e pormenores da Volta. Diversos problemas de natureza regulamentar têm dificultado a organização do Clube 100 à Hora, mas estes têm sido resolvidos e o figurino da Volta do ano passado, que foi a melhor até hoje realizada. A Volta de 1968 decorrerá de 7 a 10 de Março e dentro de breves dias vão ser distribuídos os regulamentos, apresentando-se que este ano atinja um número recorde de inscrições.

A Feira do Ribatejo, notável reunião de ovineiros portugueses e espanhóis

Podem dizer-se que os criadores de ovinos do Portugal e de Espanha têm em centro marcado para Santarém no dia 2 de Junho próximo. De facto, esse dia, que é o da inauguração da V Feira Nacional de Agricultura, será por igual o da abertura da surpreendente exposição em que figuram os milhares de exemplares de ovinos de todo o País e o da inauguração solene da III Sema- na Ibérica Lanar, a que preside o Chefe do Estado. Muitos ovineiros portugueses estarão por certo presentes, já que da vizinha Espanha se sabe que virão em número elevado. Sabe-se que mais de mil interessados se deslocarão a Santarém, onde viverão o ambiente sempre alician- te do concurso, com seus trabalhos de classificação e apresentação dos animais, controlos, negócios, distribuição de prémios, etc., durante os dois primeiros dias da feira. Por outro lado, no I Concurso Nacional de Ovinos e Caprinos, que interessará os criadores de Norte a Sul de Portugal, está prevista a participação de vinte e sete raças da espécie Ovina e sete da Caprina. Da espécie Ovina poderão concorrer as raças: Merino Purocero Português, Merino Alemão, Merino Branco, Merino Preto, Campanico, Galego Mirandês Branco, Galego Mirandês Preto, Galego Bragançano, Churro Algarvio, Serra da Estrela — Variada de branca e variedade preta com registo de branca e preta sem registo, Saioio Mondeguiera, Marialveira, Churro do campo, Badano, Merino da Beira Baixa, Merino das Areias, Ile de France, Berichon, Southdown, Suffolk, Texel, Friesia do Leste, Caracul, Nos caprinos participarão as raças, Charnequeira, Raiana, Algarvia, Serrana, Granadina, Marciana, Saanen. Os prémios atingem a verba de 875 contos, tratando-se na realidade de um empreendimento a sério, destinado a estimular o apuro pela criação de uma espécie pecuária de muito interesse em certas zonas agrícolas e em determinadas regiões e exploração — que importa incrementar e que por isso se decidiu estimular através da criação de tão elevados prémios pecuniários. A organização do concurso pertence à Comissão da Feira Nacional de Agricultura, mas a orientação técnica está a cargo da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, factos que constituem garantia da sua conveniente eficiência.

LIVROS

«Fábulas», de La Fontaine

«As fábulas de La Fontaine, lidas e admiradas universalmente sob o ponto de vista moral, encerram uma lição bem mais profunda quanto ao problema da criação artística. Acreditou-se por muito tempo que o génio estético tirava todos os elementos da sua obra da própria impressionabilidade, impondo-se à admiração nas condições de uma absoluta originalidade. O génio era como o deus bíblico tirando o mundo do nada. Ao trabalho da moderna síntese física, que levou à conclusão ex nihilo nihil, corresponde também a descoberta da crítica literária, de que todas as grandes manifestações estéticas realizadas pelas capacidades individuais assentam sobre uma base tradicional, e são tanto mais belas e impercíveis quanto esse tema transmitido pelo passado e por outras civilizações adquiriu um carácter de universalidade. As fábulas de La Fontaine põem em evidência este princípio fundamental achado não só para a crítica das obras-primas das literaturas como para a disciplina e impulso para a renovação das formas estéticas da civilização moderna.»

«O poeta, escolhendo para a manifestação do seu génio a forma da fábula, por uma perfeita harmonia do espírito soube conciliar o prestígio da erudição humanista do classicismo francês com os restos da tradição medieval conservados apenas no «esprit gaulois», de que o poeta é um dos mais sinceros representantes. A Fábula acordava-lhe a imaginação, vindo pelas colecções greco-romanas, ou pelas colecções dos trovadores medievais; a comparação de uma fábula de Esopo ou Fedro, ou de uma fábula metrificada por Maria de França, reelaborada por La Fontaine, revelava-lhe a dupla simpatia do artista, a qual faltou a Boileau e a Racine, que professavam o mais soberano desdém pela Idade Média. La Fontaine, nos seus Contos, dando forma culta aos Fábulaux, acentuou mais a preferência por esta Idade fecunda donde saíram todos os gérmens da sociedade moderna; assim estabelecendo a solidariedade entre a civilização greco-romana e a medieval; por isso é e será sempre o génio querido da cultura moderna, que se afirma pelo conhecimento da continuidade históricas.»

Estes trechos, colhidos do «Processo Artístico de La Fontaine», estudo crítico de Teófilo Braga, com que abre a cuidada edição das «Fábulas» agora apresentada pela Editorial Minerva, dão-nos plena ideia do interesse da sua leitura, que através dos anos se vem mantendo e ampliando para encanto de novos e velhos que delas extremam experiência e ensinamentos.

O atractivo volume, revisto e anotado por Cabral do Nascimento, insere

«A paixão de Rosa», de Livia de Stefani

A paixão, nos dois significados de amor exclusivo e sofrimento mortal, dá a este romance um cunho inconfundível, só conseguido pelo autor graças ao corajoso esforço de voltar a explorar, por processos modernos, o filão clássico das clássicas histórias de amor. Selvagem e ciumenta, a paixão de Rosa por Fuggero eleva a novela, quase italiana, a um plano heróico, no qual se consegue manter por raro equilíbrio de forças, até mesmo quando o ímpeto amoroso inicial se converte, ao ver-se traída, num ódio corrosivo e num furor de vingança. História passada entre a Sicília, a Califórnia e uma grã-criança italiana, aparece orquestrada por muitas personagens secundárias, à volta do tema dominante dos dois protagonistas-antagonistas. Livia de Stefani soube impregná-la magistralmente daquela humanidade capaz de tornar dignos de perdão os que são culpados, de modo que o leitor não dá sofrimento ao ver a sua condenação, mas sim a sua linguagem narrativa que se coaduna com a natureza neo-romântica das personagens e dos acontecimentos por elas vividos, que lhe permitiu harmonizar o meio de expressão com o carácter de umas e de outras e contar a verdade, embora, nas nimbadas de uma auréola de poesia. Nascida em Palermo, na Sicília, filha de lavradores, Livia de Stefani vive e trabalha em Roma, Siciliana autêntica, tanto pelo lado materno como pelo paterno, manteve-se sempre fiel à sua natureza e ao seu sangue insulares, à terra natal onde volta a miúdo. Espoza muito jovem e cedo mãe, iniciou a sua carreira literária, colocando na primeira fila dos jovens escritores italianos, lugar que não mais abandonaria. O seu segundo livro de prosa, três extensos contos reunidos num volume com o título «Gli Affatturati», suscitou igual interesse. «A paixão de Rosa» faz parte da conhecida colecção «Capa Amarela», da Editorial Minerva.

«Morte na Aldeia», de W. Murdoch Duncan

Numa suave tarde de Novembro, um homicídio ofuscou o sol na aldeia de King's March. Maxwell Carrington, abastado proprietário de meia-idade de uma vivenda nas cercanias da povoação, foi encontrado assassinado, e o seu crime atribuído a uma jovem de Scotland Yard, mais conhecida no mundo do crime por «Sondador», compareceu para auxiliar a polícia local. Quem era o criminoso? Consoante o «Sondador» viria a averiguar, havia numerosas pessoas que, por razões várias, podiam estar em contacto com Carrington, e algumas tinham segredos para ocultar. A obra, assinada por um dos escritores policiais mais experientes, com frequência comparado pelos críticos a Edgar Wallace, prende o interesse do leitor e obriga-o a formar conjecturas, até à última página. O autor, W. Murdoch Duncan nasceu em Glásgua, em 1909. Partiu para o Canadá ainda criança e frequentou colégios em Ontário mas em 1930, ingressou na Universidade de Glásgua, onde se formou com distinção em História, quatro anos mais tarde. Até à eclosão da guerra, exerceu a actividade de jornalista em regime livre e produziu várias centenas de histórias curtas. Sómente depois de abandonar o exército, em virtude de ferimentos contraídos em combate em 1941, quando leccionava num colégio escocês, entrou pelas portas de ficção mais extensas. É actualmente escritor profissional e mora, com a mulher e dois filhos, em Argyle. Integrado na «Colecção Kis» de Editorial Minerva, onde figura com o n.º 174, «Morte na Aldeia» não dizini, antes contribui para vincar os créditos da apreciada colecção.

Empregado Precisa-se

Activo, dinâmico, com conhecimentos de contabilidade, para dirigir casa comercial sendo o principal ramo livraria e papelaria. Resposta a este jornal ao n.º 10074.

Senhora inglesa

De 23 anos, culta, prática de contabilidade e ensino da língua inglesa, carta de condução, aceita lugar compatível. Resposta às iniciais: G. L. — Largo da Madalena, 4 — FARO.

ÓCIOS DE UM ESPÍRITO SONOLENTO

por J. Álvarez Sénior Aspiramos sempre por alguma coisa, que chega tarde ou não chega nunca. *** A Imprensa pode ser comparada ao zero em matemática. Serve para dar valor aos homens e, particularmente, aos políticos, como o zero ao algarismo insignificante, que se lhe agrega. *** O espelho mostra-nos como somos fisicamente, mas não reflecte o lado moral das criaturas. Se tivesse esse dom, não seria consultado tão amiúde.

Aluguer

Precisa-se uma Quinta ou casa com uma pequena área de terreno, mobiliada em Alcantarilha, Algôis ou Lagoa. Modernas instalações, água e luz. Preferível com telefone. Renda moderada. Resposta a este jornal ao n.º 10.071.

240 fábulas traduzidas ou adaptadas por poetas portugueses e brasileiros do século XIX, e traz uma bonita capa de Edmundo Muge, tendo como motivo uma das mais conhecidas fábulas do genial francês, a do «Velho, o Rapaz e o Burro».

«A paixão de Rosa», de Livia de Stefani

A paixão, nos dois significados de amor exclusivo e sofrimento mortal, dá a este romance um cunho inconfundível, só conseguido pelo autor graças ao corajoso esforço de voltar a explorar, por processos modernos, o filão clássico das clássicas histórias de amor. Selvagem e ciumenta, a paixão de Rosa por Fuggero eleva a novela, quase italiana, a um plano heróico, no qual se consegue manter por raro equilíbrio de forças, até mesmo quando o ímpeto amoroso inicial se converte, ao ver-se traída, num ódio corrosivo e num furor de vingança. História passada entre a Sicília, a Califórnia e uma grã-criança italiana, aparece orquestrada por muitas personagens secundárias, à volta do tema dominante dos dois protagonistas-antagonistas. Livia de Stefani soube impregná-la magistralmente daquela humanidade capaz de tornar dignos de perdão os que são culpados, de modo que o leitor não dá sofrimento ao ver a sua condenação, mas sim a sua linguagem narrativa que se coaduna com a natureza neo-romântica das personagens e dos acontecimentos por elas vividos, que lhe permitiu harmonizar o meio de expressão com o carácter de umas e de outras e contar a verdade, embora, nas nimbadas de uma auréola de poesia. Nascida em Palermo, na Sicília, filha de lavradores, Livia de Stefani vive e trabalha em Roma, Siciliana autêntica, tanto pelo lado materno como pelo paterno, manteve-se sempre fiel à sua natureza e ao seu sangue insulares, à terra natal onde volta a miúdo. Espoza muito jovem e cedo mãe, iniciou a sua carreira literária, colocando na primeira fila dos jovens escritores italianos, lugar que não mais abandonaria. O seu segundo livro de prosa, três extensos contos reunidos num volume com o título «Gli Affatturati», suscitou igual interesse. «A paixão de Rosa» faz parte da conhecida colecção «Capa Amarela», da Editorial Minerva.

«Morte na Aldeia», de W. Murdoch Duncan

Numa suave tarde de Novembro, um homicídio ofuscou o sol na aldeia de King's March. Maxwell Carrington, abastado proprietário de meia-idade de uma vivenda nas cercanias da povoação, foi encontrado assassinado, e o seu crime atribuído a uma jovem de Scotland Yard, mais conhecida no mundo do crime por «Sondador», compareceu para auxiliar a polícia local. Quem era o criminoso? Consoante o «Sondador» viria a averiguar, havia numerosas pessoas que, por razões várias, podiam estar em contacto com Carrington, e algumas tinham segredos para ocultar. A obra, assinada por um dos escritores policiais mais experientes, com frequência comparado pelos críticos a Edgar Wallace, prende o interesse do leitor e obriga-o a formar conjecturas, até à última página. O autor, W. Murdoch Duncan nasceu em Glásgua, em 1909. Partiu para o Canadá ainda criança e frequentou colégios em Ontário mas em 1930, ingressou na Universidade de Glásgua, onde se formou com distinção em História, quatro anos mais tarde. Até à eclosão da guerra, exerceu a actividade de jornalista em regime livre e produziu várias centenas de histórias curtas. Sómente depois de abandonar o exército, em virtude de ferimentos contraídos em combate em 1941, quando leccionava num colégio escocês, entrou pelas portas de ficção mais extensas. É actualmente escritor profissional e mora, com a mulher e dois filhos, em Argyle. Integrado na «Colecção Kis» de Editorial Minerva, onde figura com o n.º 174, «Morte na Aldeia» não dizini, antes contribui para vincar os créditos da apreciada colecção.

Empregado Precisa-se

Activo, dinâmico, com conhecimentos de contabilidade, para dirigir casa comercial sendo o principal ramo livraria e papelaria. Resposta a este jornal ao n.º 10074.

Senhora inglesa

De 23 anos, culta, prática de contabilidade e ensino da língua inglesa, carta de condução, aceita lugar compatível. Resposta às iniciais: G. L. — Largo da Madalena, 4 — FARO.

ÓCIOS DE UM ESPÍRITO SONOLENTO

por J. Álvarez Sénior Aspiramos sempre por alguma coisa, que chega tarde ou não chega nunca. *** A Imprensa pode ser comparada ao zero em matemática. Serve para dar valor aos homens e, particularmente, aos políticos, como o zero ao algarismo insignificante, que se lhe agrega. *** O espelho mostra-nos como somos fisicamente, mas não reflecte o lado moral das criaturas. Se tivesse esse dom, não seria consultado tão amiúde.

Aluguer

Precisa-se uma Quinta ou casa com uma pequena área de terreno, mobiliada em Alcantarilha, Algôis ou Lagoa. Modernas instalações, água e luz. Preferível com telefone. Renda moderada. Resposta a este jornal ao n.º 10.071.

JORNAL do ALGARVE

EM CASA E NA ESCOLA...

(Conclusão da 1.ª página)

nosso, que muito honra o ensino e a terra onde nasceu. Com a presença da professora da classe, uma senhora algarvia que faz do seu trabalho difícil um verdadeiro sacerdócio, e dos pais dos alunos, reunidos em volta de uma longa mesa, onde podíamos observar os vários cadernos e trabalhos dos filhos, estabeleceu-se um diálogo vivo e interessado entre todos.

As dúvidas sobre a aprendizagem, as dificuldades reveladas em cada matéria, as incompatibilidades de temperamento e educação do meio em que a criança vive, as razões da falta de pontualidade e assiduidade nas aulas, a lentidão e o desinteresse pela actividade escolar e tantos e tantos outros problemas de esclarecimento dos pais encheram aquelas duas horas que, nalguns casos presentes, poderiam prolongar-se tal o anseio de ouvirmos aplaudir ou rebater os seus pontos de vista, as suas próprias falhas. Todos aprenderam mas os menos evoluídos ficaram, por certo, mais ricos de conhecimentos e, largos dias meditarão nos seus erros, quase sempre fruto de ignorância e desamparo.

Repetimos, para terminar estas linhas, as palavras ouvidas ao ministro da Saúde e Assistência, dr. Neto de Carvalho, no sétimo ciclo de palestras para pais, em começo de 64:

«Os problemas de educação encontram-se, cada vez mais, na primeira linha das necessidades dos nossos dias».

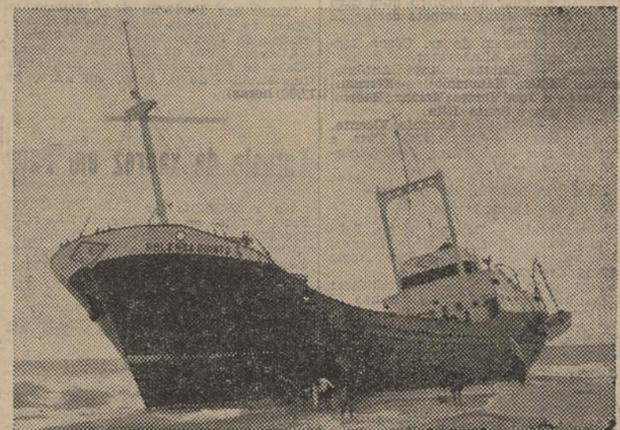
Bem haja, pois, o organizador desta reunião e que o seu exemplo seja seguido, o mais brevemente possível, por todos os responsáveis pela instrução e educação dos nossos jovens.

M. Odete L. da Fonseca

FOI DESENCALHADO O «POLEMSA QUINTO»

As 15 horas de segunda-feira, aproveitando as excepcionais condições de tempo e de boa maré, os rebocadores «Nisosrodos» e «Chios» ambos de Gibraltar, conseguiram pôr a flutuar o cargueiro espanhol «Polemsa Quinto», que saíra de Bilbao para Palma de Maiorca, com um carregamento de 400 toneladas de ferro e encaihara na noite de 22 de Janeiro, no Ancão, em frente de Faro.

O navio já com a respectiva tripulação, seguiu depois para Huelva, com os dois rebocadores, a fim de ser reparado.



rão êxito certo no mesmo requintado ambiente a que tanto se presta o salão nobre da Capitania. Conta-se ainda com a valiosa colaboração e presença dos nossos amigos e vizinhos espanhóis, cuja alegria será factor de peso e seguro alívio para que em cada ano se tornem maiores e melhores, como todos do coração desejamos, os folguedos de Carnaval em Vila Real de Santo António.

O quarto ano de cinema do Glória Futebol Clube

O vila-realense Glória Futebol Clube, colectividade que há muitos anos e ao contrário do que o seu nome deixa supor, abandonou a prática do futebol, está festejando com alegria e uma bonita decoração e iluminação da sala de espectáculos, o quarto aniversário da sua secção de cinema.

Do regozijo e esperanças que animam os dirigentes, dão-nos boa ideia os seguintes trechos, respigados do programa comemorativo:

«Quatro anos passaram. Quatro anos de luta para alcançar novas etapas e manter bem vivo o fogo sagrado do nosso amor clubista. No balanço reconfortante que nos mostra tudo o que conseguimos fazer, não devemos, contudo, deixar de considerar que muito mais se poderia ter feito neste longo espaço de tempo, se a força de vontade, espírito de iniciativa e alguns sacrifícios tivessem sido repartidos por aqueles outros cuja timidez não deixa florescer em colaboração activa as ideias latentes e amor clubista que trazem dentro de si. Para esses vai o nosso apelo lembrando-lhes que a nossa colectividade só poderá progredir na medida em que todos os associados se interessarem pela sua vida associativa, prestando-lhe toda a colaboração possível quer moral quer materialmente. Só assim poderemos fazer do nosso clube um grande clube, respeitado e prestigiado que muito valorizará a linda terra que nos viu nascer».

«Nesta hora de recordações e da compilação das tarefas que nos conduziram ao progresso de que desfrutamos, temos o dever de olhar em frente, sem desânimos nem temores que possam desviar o nosso rumo ao futuro no quinto ano de cinema que vamos encetar. A obra não terminou. As perspectivas que se nos apresentam continuam a ser imensas e encorajam-nos a prosseguir as diligências para a compra da nossa sede e construção, no mesmo local, de uma sede nova, moderna e eficiente nos seus objectivos! A massa associativa do Glória, consciente disso, saberá, na devida oportunidade, corresponder ao apelo que se lhe fizer, a fim de se transformar um sonho dourado em risonha e magnífica realidade!»

S. P.

CRÓNICA DE PORTIMÃO

por CANDEIAS MUNIZ

SOL DE INVERNO

DESCANSEM os leitores que não venho falar da canção da Simone, longe vá o agouro. Tampouco desejo, por hoje, louvar a paisagem algarvia a cujo encanto de sempre, nesta época ainda sublimado pela floração das amendoeiras, não tem faltado o sol, talvez para que não seja citada a propaganda ao Algarve florido e soalheiro. Mas não é isso que aqui me traz.

Quero, antes, mais prosaicamente, referir-me à ameaça que a prolongada estadia venha constituindo para os caudais das fontes de que se abastece o concelho de Portimão.

Todos se lembram ainda do que se passou no último Verão, a angústia com que acompanhámos a evolução do teor de cloretos na água proposta ao consumo público, os encargos e prejuízos de vária ordem que Portimão suportou pelo facto desses cloretos terem subido e índices que tornaram imprópria para consumo a água fornecida pelos Serviços Municipalizados. Todos se recordam disso com mais ou menos amargura e todos desejariam com mais ou menos interesse que a situação de há meses se não repetisse no próximo Verão.

Ora, ao que sabemos, a regularização da situação assentava precisamente, entre outras, na esperança dum bom ano de chuva que restituísse o antigo nível das fontes abastecedoras, de modo a que, durante o Verão, se pudessem satisfazer sem riscos as necessidades de maiores consumos. Assim, começada a época das chuvas, que a princípio correram abundantes, houve quem respirasse fundo. Mas eis que em breve se instalou esta prolongada estadia que ninguém sabe até quando irá ainda, as nuvens não aparecem ou, quando aparecem, não despejam gota que dizer se possa, e as fontes, a menos que desabe um dilúvio inesperado, não armazenarão água que possa tranquilizar-nos quanto à perspectiva da próxima época estival, época de grandes sedes e grandes banhos, como é hábito.

O sr. director delegado dos Serviços Municipalizados teve a gentileza que muito agradecemos de levar o cronista a visitar os próprios locais das obras que pretendem assegurar o abastecimento de água ao concelho. Na Figueira e nas Fontainhas vimos, apreciámos, conversámos e ficámos com a impressão de que, a menos que as coisas melhorassem substancialmente (o tal inesperado dilúvio) uma vida difícil se prepara para os Serviços nos tempos mais próximos. Além, vida difícil, especialmente para a cidade e, em contrapartida, óptimo negócio para quantos agadeiros de fontes industrializadas ou mesmo de chafurdos aqui montarem suas tendas, chafarizes, suas máquinas de engordar em pouco tempo. Meus senhores, preparem os alcatruzes!

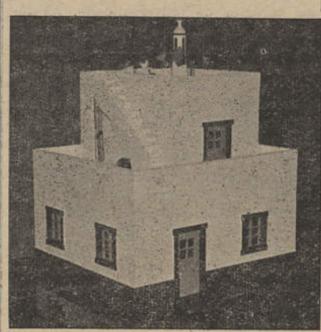
Fazemos os mais ardentes votos para que esta nossa impressão se não confirme. Que o sol de Inverno que brilha sobre a paisagem e constitui uma assinalada riqueza turística, não o tenhamos afinal que pagar com elevados juros em searas perdidas, fontes secas, jardins queimados por regas saídas e água das Caldas depois das sardinhas. Vamos pedir a todos os santos da nossa e vossa devoção que se realizem toda as esperanças optimistas dos Serviços Municipalizados, embora o realismo nos indique que não é nada de optimistas a perspectiva.

Que a coisa está séria, isso está, ninguém o nega. Que se trabalha para a remediar, também é verdade. No entanto, certo é que os condicionaisismos em que se movem as autarquias locais não têm permitido, até agora, que se encaixe de frente a solução do problema, de um modo definitivo e com resultados assegurados.

Enquanto assim for, a angústia mantém-se. Teremos água para o ano, não teremos? Por ora, apenas S. Pedro sabe se está nos seus desígnios abrir as torneiras do céu, de modo a dar às fontes um nível confortável. O resto é sol de Inverno: brilha sim, mas não aquece.

A «casa típica algarvia» idealizada pelos alunos da Escola Industrial de Olhão, foi oferecida ao Museu Etnográfico Regional

QUANDO da exposição que assinou o final do ano lectivo transacto, na Escola Industrial de Olhão, referimos a uma peça que nos prendeu especialmente a atenção: uma casa típica da nossa terra, com açoteia e mirante, modelo arrancado a qualquer genuína rua da Vila Cubista. E não só a nós, mas a muitos visitantes, por entre a excelência dos belos trabalhos expos-



tos, em que a arte, a delicadeza, a fantasia ou o poder criador eram notas salientes, este dava-nos uma imagem afectiva e verdadeira da terra sulina. Em reportagem que sobre o certame

o Jornal do Algarve publicou, lançámos a ideia de que esta peça, construída em madeira, fosse adquirida pela Junta Distrital de Faro para o seu Museu Etnográfico Regional, que na capital algarvia constitui uma mostra autêntica da Província do Sul. O assunto mereceu o melhor interesse da Junta Distrital, cujo presidente, sr. Raul de Bivar Weinholtz, procurou dar-lhe concretização. E as diligências enotadas encontraram a costumada boa vontade e cooperação da Escola Industrial de Olhão, na pessoa do seu dedicado director, sr. dr. António Joaquim de Almeida. Aquelle estabelecimento de ensino foi visitado pelo pintor Carlos Porfírio, conservador do Museu Etnográfico, que examinou o modelo e se pronunciou muito favoravelmente sobre a viabilidade da ideia sugerida.

Assim, encontra-se já em Faro, a casa típica algarvia que os jovens olhanenses construíram e que ficará, no museu, como uma presença da nossa gente moça. Ao lado das chaminés, do artesanato, dos objectos domésticos ou profissionais esta representação do «habitat» irá por certo prender a atenção do visitante.

Salientamos que o trabalho foi executado por um grupo de alunos do Ciclo Preparatório, de 11 a 12 anos, sob a orientação do sr. José Martins Palma, mestre de trabalhos manuais daquele modelar estabelecimento de ensino.

Congratulando-nos por esta nossa iniciativa se haver transformado em realidade, felicitamos a Junta Distrital pela atenção votada ao assunto e a Escola Industrial de Olhão, porque um significativo trabalho dos seus alunos, passa a figurar no que no seu género é um dos mais importantes museus do País.

FAZENDA VENDE-SE

Situada nos Murtais (Moncapacho), com laranjeiras e outras árvores de fruto, nora e tanque. Tratar com: Maria Otilia de Jesus Gouveia. Rua Almirante Reis, 68 — FUSETA.

MÁQUINAS PINHEIRO

A MAIOR FÁBRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MÁQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Sede — TROFA

FILIAIS

Lisboa — Rua Filinto Elísio, 15 C

Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 194

FALTA ARVOREDO ALGARVIO...

(Para o meu querido pai, no dia do seu aniversário)

Daqui,
Deste lugar onde me assento,
Que bela!
Que maravilhosa paisagem!
Como a posso desfrutar!

Na minha frente,
Num vale imenso,
Um olival sem fim
Nasceu apumado, denso.

Árvores seculares
Desgastadas pelo tempo!
Quantos mistérios e lendas
Não terdo destes lugares?

Mais abaixo, lá ao fundo,
Corre um ribeiro apertado
Onde as moças vão lavar
E põem a roupa a corar
No tão verdinho reivoado!

Por fim, já a subir,
Bem dispostos nos outeiros
Gansam meus olhos d'olhar
O vaivém dos pinheiros...
E choram...
De saudade desgostosos.

Oh! meu Deus, Deus de louvor,
Porque não hão-de ali nascer
Figueiras, alfarrobeciras
E amendoeiras em flor!

Árvores
Não me ouvis?
Escutai...
Escutai o meu desgosto
Escutai o meu lamento
E dizei, pedi ao vento
Que o vá levar ao meu pai.

Maria Helena Leiria de Freitas
Pombal, 20-1-968

Sessões cinematográficas sobre o Ultramar, em Loulé, Olhão, Silves, Portimão e São Brás de Alportel

Em face do êxito alcançado (mais de 4.000 espectadores no total) pelas sessões já efectuadas em Lagos, Albufeira e Vila Real de Santo António, o Comando Distrital de Faro da L. P. vai prosseguir na sua iniciativa de sessões sobre o «Esforço português no Ultramar». Assim, estão já marcadas mais cinco sessões, para os dias 5, 7, 9, 12 e 16 deste mês, às 21 horas, nos cine-teatros respectivamente de Loulé, Silves, Olhão, S. Brás de Alportel e Portimão, em virtude das empresas daquelas casas de espectáculos terem cedido as suas salas para tal efeito. Nestas sessões serão exibidos o filme português de grande metragem *Chaimite*, baseado na epopeia de Mouzinho, e documentários coloridos sobre Angola, Mocimboa, Guiné, Macau e Timor.

Os espectáculos são públicos e gratuitos.

Alugará

Rapidamente casa, moradia ou apartamento mobilado. Apartado 110 — Olhão.

CATAVENTO RESIDENCIAL DE LUXO

MONTE GORDO — Tel.: VENTO — Telef. 428/9 — Vila Real de Santo António

No Snack-Bar «PIRATA», o único BOWLING do Algarve

Magníficos quartos e apartamentos, todos com casa de banho privativa e varanda. A 200 metros da Praia.

Serviço Restaurante, Café

...E TAMBÉM

HOTEL DAS CARAVELAS

MONTE GORDO

FOI PINTADO COM TINTAS EXCELSIOR

DISTRIBUIDOR PARA TODO O ALGARVE

EXCELSIOR DO ALGARVE

AV. 6 DE OUTUBRO 82 OLHÃO

DOCES REGIONAIS DO ALGARVE:

O melhor sortido encontram V. Ex.ª na CASA AMELIA TAQUELIM GONÇALVES (CASA DOS DOCES REGIONAIS), Rua da Porta de Portugal, 27 — Telefone 82 — LAGOS. — Remessas para todo o País.

CASA TRICOLÁ

LÃS PARA TRICOTAR

FABRICANTES

Apresenta a maior coleção de fios de lã e fibras brilhantes para tricot e croché

As melhores qualidades garantidas

Lã escocesa a 135\$00 kg.

CASA TRICOLÁ

AV. ALMIRANTE REIS, 4-1.ª FREIXE — LISBOA-1

Peçam amostras. Enviamos encomendas à cebrança

FILIAIS EM SETÚBAL

BRISAS do GUADIANA

Vai ter mais brilho a segunda edição das festas de Carnaval em Vila Real de Santo António

As festas de Carnaval promovidas pela Santa Casa da Misericórdia de Vila Real de Santo António, que, com a sua segunda edição, este ano, vão tomando louvável carácter de continuidade, justificam plenamente todo o empenho que lhes vem sendo posto na execução, quer pela finalidade altruísta de que se revestem, quer pelas excepcionais condições que a vila para o efeito lhes oferece. Não se trata de festas para satisfazer a vaidade de um qualquer, ou para aumentar os réditos de determinada empresa. Todos conhecemos as dificuldades da nossa Misericórdia e o seu deficiente equipamento hospitalar que de modo algum se explicam e aceitam numa terra e numa zona com a importância, projecção e aspirações da nossa. Também sabemos que o dinheiro não cai do céu e que quanto mais falta faz, por vezes, mais distante se afigura. Que melhor forma, portanto, de o obter, do que esta, das diversões carnavalescas?

Uma experiência se fez, no ano anterior, e ela de certo modo resultou. Improvisadas, as festas atraíram muitos milhares de pessoas, e mais até não vieram porque o tempo não o permitiu então. A moldura extraordinariamente bela da Praça Marquês de Pombal ofereceu majestoso cenário para os festejos diurnos e, à noite, o vetusto salão nobre da Capitania do Porto, com sua amplitude e harmonia de linhas, serviu à maravilha de complemento para as festas.

Neste ano de 1968, o Corso vai ter muito maior imponência e brilho, pelas dezenas de carros alegóricos que nele tomam parte e pelos inúmeros motivos de folia que o animam. Serão três dias de plena festa e bonitas batalhas de flores. Grandiosos bailes, com as melhores orquestras e atracções, encontrar-

SERVITÉCNICA, L.P.A.

DELEGAÇÃO DOS SERVIÇOS TÉCNICOS PHILIPS NO ALGARVE

VENDA DE ACESSÓRIOS

REPARAÇÕES EM

RÁDIO-TELEVISÃO-APARELHOS DOMÉSTICOS

SERVIÇO DOMICILIÁRIO

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 46-48-TELEFONE 23 899-FARO

PHILIPS

serviço

ARMAZENISTA PARA O SUL DO PAÍS DAS FAMOSAS PILHAS PHILIPS

MAIOR ESTABILIDADE + MAIOR DURAÇÃO = MAIOR ECONOMIA